



CRYSTIAN DOS SANTOS OLIVEIRA

IDENTIDADE PROFISSIONAL E DE GÊNERO NO CONTEMPORÂNEO

São Borja

2021

CRYSTIAN DOS SANTOS OLIVEIRA

IDENTIDADE PROFISSIONAL E DE GÊNERO NO CONTEMPORÂNEO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Geder Luis Parzianello

São Borja

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

O48i	Oliveira, Crystian dos Santos IDENTIDADE PROFISSIONAL E DE GÊNERO NO CONTEMPORÂNEO / Crystian dos Santos Oliveira. 62 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, JORNALISMO, 2021. "Orientação: Geder Luis Parzianello". 1. jornalismo. 2. jornalistas gays. 3. Teoria Queer. 4. sujeito.
------	--

CRYSTIAN DOS SANTOS OLIVEIRA

IDENTIDADE PROFISSIONAL E DE GÊNERO NO CONTEMPORÂNEO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 1º de outubro de 2021.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Geder Luis Parzianello

Orientador

UNIPAMPA

Prof. Dr. Alexandre Rossato Augusti

UNIPAMPA

Prof. Dr. Leandro Ramires Comassetto

UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **GEDER LUIS PARZIANELLO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/10/2021, às 19:53, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LEANDRO RAMIRES COMASSETTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/10/2021, às 17:54, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ALEXANDRE ROSSATO AUGUSTI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/10/2021, às 09:34, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0629093** e o código CRC **EACFDD2A**.

Dedico ao meu saudoso avô Lídio.

AGRADECIMENTO

E foi assim... Que, ao abrir aquela pequena gaiola, eu consegui, aos poucos, alçar meus primeiros voos. Como um pequeno pássaro aprendendo a voar, estava eu saindo da minha casa, do meu conforto, em março de 2017.

Lógico, que esse primeiro empurrão para fora da pequena gaiola não veio sozinho. Sempre estive rodeado por uma grande revoada, formada pela minha família.

Sem o apoio incansável da minha mãe não poderia estar aqui. Desde que me lembro, como uma líder do bando, a Dona Mara cortou todos os grandes ventos para facilitar o voo de todos, com garra, força e determinação. Sem mais, ela é meu grande exemplo de resiliência. Obrigado, mãe!

Estendo meu agradecimento ao Seu Luis Adão, àquele que esteve sempre ali, disponível para qualquer ocasião. Como um suporte, meu pai é sinônimo de segurança. Mesmo com certa dificuldade em expressar o verdadeiro sentimento, estivemos sempre juntos, confiando um no outro e sabendo o valor que cada um tem. Obrigado, pai!

Como uma segunda mãe, lá estava ela me empurrando para o caminho a seguir. Minha irmã, Pâmela, é um presente para mim. Minha confidente, amiga e apoiadora que me proporcionou muita conversa acolhedora como aqueles pássaros, que saem a cantar pela cidade, fazem. Obrigado, Pâmela!

Não posso deixar de falar em quem pouco demonstra, mas torce muito por mim. Minha irmã, Bianca, sempre foi revolução e amparo. Obrigado por estar sempre disposta a conversar, desabafar e saiba que estamos juntos nessa, mesmo em ninhos diferentes. Além disso, sou grato pela chegada do Rafael e da pequena Alice em nossa família.

Ao meu irmão caçula o meu agradecimento especial por saber que, de alguma forma, servi de inspiração. Que bom ver ele buscando seus sonhos tão cedo e lutando para concretizá-los. Ele é exemplo de dedicação para mim. Voe, guri.

Poderia ficar horas (até dias) falando do significado que meus sobrinhos têm para mim. Luis Bernardo é animação, empolgação e humildade. É um irmão para mim. Já a Maria Gabriela é uma extensão de todo meu amor, carinho e proteção. Obrigado por recheiar meus dias de alegria, conversa e *Kpop*.

Aqui é o momento de rever todas as experiências que me fizeram estar, neste momento, escrevendo esses agradecimentos. Abri as pequenas asas, tímidas e trêmulas e voei para as primeiras vivências como um pássaro morando em outro ninho.

É tão bom encontrar um novo bando, no qual pude conviver e aprender tanta coisa. Se fosse planejado, não seria tão certo. O “ABCD” para mim é conforto para ser quem se é. Ana, Brenda e Danielle são muito importantes para mim. Foram essenciais para desabafar, aproveitar e curtir o tempo de graduação, e fundamentais para mostrar o sentido da palavra amizade.

Ana e eu nos conhecemos desde de 2006 e sou grato por esses mais de 15 anos de amizade. A gente já se entende por olhares e isso é incrível. A Danielle chegou na minha vida “como quem não queria nada” e mostrou que a confiança nas pessoas muda muito nossas perspectivas. Obrigado, Dani, por ser coração sempre. A Brenda é minha versão um pouco mais ousada, ela tem coragem para arriscar e sempre foi o apoio que precisei. Obrigado, Brenda.

Aos meus companheiros de outros voos, muito obrigado. Maria Eduarda, Guilherme e Felipe fizeram qualquer canto se tornar lar. Duda, obrigado por ser confiante, companheira e colo várias vezes. Guilherme, obrigado por ter participado desta trajetória. Felipe, obrigado por acompanhar todo o processo, acreditar em mim e fazer parte deste ciclo.

Agradeço duas pessoas que formaram uma grande rede de apoio e conforto em diversos momentos. Ramon e Eduarda Fernandes, meu muito obrigado pelas conversas, trocas e vivências.

Com a experiência recente de sair do ninho e alçar voos sozinha, lá estava ela, Eduarda Reolon, minha madrinha de curso, que me acolheu e abraçou, tornando a experiência do desconhecido mais fácil. Obrigado por me mostrar o caminho e ajudar em vários momentos, Duda.

Não posso deixar de falar das trocas, dos conselhos mútuos e da grande relação que criei com a Vitória. Conviver com a Farinha foi uma experiência e tanto. Quando estamos juntos mal conseguimos falar de tanta risada que sai desses encontros. Obrigado pelo apoio de sempre, Farinha.

Aos meus queridos Roger, Jonathan e Luis meu obrigado por estarem disponíveis sempre para conversar, desabafar e curtir umas musiquinhas. Esse trabalho tem um pouco de cada um de vocês, das nossas conversas e inquietações.

Parece até clichê escrever isso, mas só aprendi tudo que sei sobre comunicação e jornalismo graças ao experiente corpo docente que a Unipampa me proporcionou. Cada professor teve papel fundamental na minha formação. Agradeço a todos pela dedicação em promover educação com qualidade no ensino público.

Há um professor em específico que não posso deixar de mencionar. Professor Geder Parzianello, meu orientador e maior incentivador em todos os momentos desde que nos conhecemos, em meados de 2017. Tenho uma enorme admiração pelo senhor. Muito obrigado por ser quem segurou minha mão e me fez confiar em mim mesmo. Chegamos aqui juntos!

Aos meus colegas de turma, obrigado por esses anos de convivência, rodeados de conversas e trocas. Encontrem seus bandos e voem cada vez mais alto.

Agradeço também aos professores Alexandre Augusti e Leandro Comassetto por aceitarem fazer parte da minha banca de TCC. Esse momento é muito especial para mim e contar com a presença de vocês é gratificante. Obrigado!

Estendo esses agradecimentos a uma pessoa muito querida por mim e que me ajudou a chegar até aqui. Tia Marli é uma inspiração. Obrigado, tia!

Agora, com as asas mais fortalecidas, finalizo mais um ciclo e planejo novos voos. São voos com a esperança de cruzar por pessoas tão especiais, que marcam nossos processos.

Obrigado a todos!

“Não sinto que é necessário saber exatamente o que eu sou. O principal interesse na vida e no trabalho é tornar-se alguém que você não era no início. Se você soubesse quando começou um livro o que você diria no final, você acha que teria a coragem de escrevê-lo? O que é verdade para a escrita e para uma relação de amor é verdadeiro também para a vida. O jogo vale a pena na medida em que não sabemos o que vai ser o fim”.

Michel Foucault

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender, através dos estudos da linguagem, da sexualidade e do discurso, como se dá a relação da orientação sexual com o exercício da profissão por jornalistas autodeclarados gays. Trata-se de um estudo monográfico que tem abordagem qualitativa e se ampara numa fundamentação teórica sobre a construção do sujeito para teorias do discurso, para a Teoria Queer e a do Jornalismo. Utilizando-se do método de entrevista semiestruturada e de relatos de vida, refletiu-se sobre os depoimentos de dez (10) sujeitos jornalistas autodeclarados gays divididos em dois grupos: aqueles em exercício da profissão e aqueles por formação acadêmica. Identificou-se que os profissionais encontram dificuldades no imaginário social sobre essa relação, mesmo antes de atuar no mercado de trabalho, o que resulta em autocensura no cotidiano dos jornalistas para evitar sanções pela instituição, descritas pela Teoria Organizacional do jornalismo.

Palavras-Chave: jornalismo; jornalistas gays; Teoria Queer; sujeito.

ABSTRACT

The present research understands, through studies of language, sexuality and discourse, how the relationship of sexual orientation with the exercise of the profession by self-declared gay journalists occurs. This is a monographic study that has a qualitative approach and is supported by a theoretical foundation on the construction of the subject for discourse theories, for Queer Theory and Journalism. Using the semi-structured interview method and life stories, the testimonies of ten (10) self-declared gay journalists were reflected on, divided into two groups: those in the profession and those by academic training. It was identified that professionals seek difficulties in the social imaginary about this relationship, even before working in the labor market, which results in self-censorship in the daily lives of journalists to avoid sanctions by the institution, proven by the Organizational Theory of journalism.

Keywords: journalism; gay journalists; Queer Theory; subject.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Nome e área de atuação do sujeito.....	39
Quadro 2 – Nome e período da formação acadêmica.....	48

LISTA DE SIGLAS

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e variações de sexualidades e identidades de gênero

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 SOBRE AS IDENTIDADES SUBVERSIVAS: O “EU” GAY	17
3 AO TORNAR-SE PAUTA: O “EU” JORNALISTA GAY	27
4 A DESCRIÇÃO DO UNIVERSO EMPÍRICO.....	36
5 A QUEM NOS REFERIMOS: ÀS VIVÊNCIAS REFLETIDAS	54
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS.....	60

1 INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais no pelo mundo têm conseguido colocar a causa LGBTQIA+ em diversos debates políticos. Através desses tensionamentos, a comunidade tem alcançado diversas conquistas de direitos no Brasil, como a criminalização da LGBTfobia pelo STF, em 2019.

Mesmo assim, o país ainda tem números preocupantes ao se tratar de violência contra pessoas LGBTQIA+. Segundo estudo realizado pelos grupos Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia (GGB) e publicado pela CNN Brasil, no ano de 2020, pelo menos 237 pessoas da comunidade LGBTQIA+ morreram por conta do preconceito, sendo a maior parte por homicídio.

Logo, se torna necessário pesquisar e produzir ciência acerca das diferentes expressões de sexualidade, visto que a problemática do preconceito ainda perdura em nossa cultura.

Buscamos então alternativas que pudessem unir a questão dos estudos sobre sexualidade com os conhecimentos em comunicação e jornalismo, minha área de formação.

Observamos que não sabemos mensurar os jornalistas que são assumidamente gays apenas ao lembrá-los sem nenhuma pesquisa rápida com as palavras chave “jornalista se assumiu” e ainda nos surpreendemos com a existência de notícias deste teor, que colocam a orientação sexual do profissional em evidência.

Assim, conseguimos delimitar a problemática da pesquisa em “como se dá a relação dos jornalistas gays com a sua sexualidade e o exercício da profissão?”, colocando em destaque a atuação no mercado de trabalho.

Ao pensarmos o problema que norteia a pesquisa, desenvolvemos as hipóteses que os jornalistas gays possuem dificuldade em assumir a sua orientação sexual e a orientação sexual homossexual é considerada problema dentro do exercício da profissão.

Pesquisar sobre essa temática não surge do nada. Como sujeito que destoa da heteronormatividade, é algo que me causa inquietação, principalmente por ser uma preocupação pessoal que busquei trazer para esse Trabalho de Conclusão de Curso.

Assim, através desta pesquisa buscamos alcançar nosso objetivo geral de compreender de que forma se dá a relação da sexualidade com o exercício da profissão de jornalistas gays e determinamos os objetivos específicos como sendo: entender como se constrói a noção de sujeito e investigar como se estabelece a heteronormatividade dentro do jornalismo, visando ao fim da pesquisa relacionar os dois objetivos específicos.

A pesquisa se constrói qualitativa com método de entrevistas semi-estruturadas para a captação de depoimentos de dez sujeitos jornalistas autodeclarados gays. Por meio da entrevista semi-estruturada é possível obter os relatos de vida desses sujeitos.

Logo, a partir do recorte empírico do trabalho cruzamos os discursos apresentados pelos sujeitos entrevistados com os conceitos apresentados nos capítulos teóricos e de revisão de bibliografia da monografia.

O estudo está dividido em dois capítulos teóricos, um capítulo sobre o material empírico e um capítulo de análise qualitativa dos depoimentos à luz destes conceitos. Outros dois capítulos teóricos e que descrevemos abaixo, compõem a presente pesquisa.

No primeiro capítulo, intitulado “Sobre as identidades subversivas: o ‘eu’ gay” buscamos destacar os principais conceitos que envolvem a identidade do sujeito e levantar as questões sobre a orientação sexual homossexual.

Em “Ao tornar-se pauta: o ‘eu’ jornalista gay”, segundo capítulo teórico, nos atentamos traçar uma linha paralela entre os estudos dos movimentos sociais que lutam pela liberdade sexual e a representação de gays pela mídia.

Os depoimentos recolhidos nesta pesquisa estão presentes no terceiro capítulo. Intitulado “A descrição do universo empírico”, o item apresenta os dez sujeitos jornalistas gays, sendo que, decidimos, para melhor visualizar nosso problema de pesquisa e nossos objetivos, dividir em dois grupos de entrevistados: jornalistas gays em exercício da profissão e jornalistas gays ainda em formação acadêmica.

Já o quarto capítulo busca tensionar o referencial teórico com as narrativas apresentadas pelos sujeitos em seus depoimentos a fim de descobrir o que pode ser revelado sobre a nossa pergunta problema.

2 SOBRE AS IDENTIDADES SUBVERSIVAS: O “EU” GAY

Movimentos sociais como o movimento feminista e da Comunidade LGBTQIA+¹ no contemporâneo² evidenciam que estamos vivendo numa sociedade atravessada pela constante busca por reconhecimentos identitários. Os estudos de identidade e de representação refletem sobre as formas de se reconhecer como sujeitos dentro de diversos contextos.

Em perspectiva filosófica, o reconhecimento do sujeito é uma questão própria do pensamento pós-estruturalista que busca trazer novas visões pela via da desconstrução de entendimentos basilares do movimento intelectual anterior conhecido por estruturalismo. Enquanto, “uma corrente [do pensamento] que compreende a realidade como uma construção social e subjetiva” (CASALLI E GONÇALVES, 2018, p.85), ela vai favorecer a que sentidos contextuais novos sejam dados ao sujeito e suas representações identitárias.

Este trabalho adota uma visão pós-estruturalista; faz ver o objeto da pesquisa em seu contexto e para além de questões apenas estruturais que seria como pelo estruturalismo a realidade estaria descrita.

O Pós-estruturalismo é um movimento que busca esclarecer as relações sociais de poder, que transpassam o poder econômico, chegando às relações étnicas, raciais, de gênero e de sexualidade (CASALLI E GONÇALVES, 2018). Ou seja, conseguimos, a partir deste movimento, considerar outras categorias sociais em relação ao sujeito (mais contextuais e menos apenas subjetivas) e observá-lo nessas construções.

Nos cabe, inicialmente, a compreensão, portanto, sobre o sujeito. Na perspectiva que adotamos para a pesquisa, o tomamos enquanto um ser autônomo, livre e autoconsciente, fonte de todo conhecimento e da ação moral e política

¹ Consideramos a sigla já existente nos Estados Unidos, iniciada por ativistas desde 1988 numa forma inicial LGBT e depois ampliada (LGBTQIA+) para representar lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis ou transexuais, queer, intersexuais e outras designações de identidades de gênero e sexualidade.

² Consideramos como contemporâneo neste trabalho a definição trazida por Giorgio Agamben em sua obra “O que é o Contemporâneo?”. Neste sentido, entendemos que não aderir todos os aspectos pertencentes à época está intrinsicamente ligado com as discussões abertas neste estudo, por isso, nos utilizamos deste conceito para nortear nossos entendimentos.

(GIDDENS, 1999). Esse sujeito não estaria dentro de uma estrutura que o imprime limitações ou destinos (como entendido pela matriz estruturalista), ou seja, poderia gozar de toda sua liberdade ou o que se cria em torno dessa percepção de liberdade. As chamadas amarras sociais (valores da tradição, da família, da religião e da sociedade conservadora) que antes pareciam lhe definir, agora já não servem mais à sua própria identidade e reconhecimento.

Cumprido estabelecer que para os pós-estruturalistas, o “sujeito passa a ser constituído por múltiplas identidades que circunscrevem as práticas sociais e culturais, discursivas ou não discursivas e que também se encontram nas relações de poder e saber entre os grupos e nas instituições” (DINIS; PEREIRA, 2015, p.10). Não há, ao contrário, uma única forma de assujeitamento do indivíduo, mas uma quebra com a ideia do sujeito cartesiano, único e concreto (HALL, 1998). Logo, se quebra a ideia de um sujeito visto apenas pelo olhar masculino, branco, heterossexual.

Em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (1998), Stuart Hall nos apresenta a perspectiva de diversas formas de ser sujeito, que podemos entender como sujeitos multifacetados (HALL, 1998). Essa relação se dá pelo entendimento de descentração do sujeito, aderida pela perspectiva pós-estruturalista.

O processo de descentração do sujeito, segundo Hall (1998) acontece historicamente em cinco momentos. O primeiro momento está relacionado às condições estruturais que apresenta a teoria marxista; o segundo à descoberta do inconsciente por Freud que entende que as identidades são constituídas baseadas em processos simbólicos e psíquicos do inconsciente; o terceiro se relaciona com a linguística estrutural em Saussure, que alegava que não somos os autores do que falamos, apenas usamos da língua para dar significado, mas respeitando as regras dos sistemas culturais vigentes; o quarto momento está ligado ao “poder disciplinar”, do filósofo francês Michel Foucault, que trata sobre as diversas instituições que policiam e regulam as vivências com base no poder administrativo; e por último, estão os movimentos sociais da década de 60 que colaboraram com as discussões sobre as construções de gênero, sexualidade.

Todos os momentos de desenvolvimento das teorias sociais acima citados são fundamentais para o processo de descentração do sujeito, que tem como visão um sujeito que é construído através das suas relações e em diversas categorias. Perde-se, então, a ideia da unicidade do sujeito, centrado em si mesmo, pronto e concreto

resultando num sujeito com identidade inacabada, incompleta (HALL, 1998).

Anteriormente, apenas as relações de classes buscavam dar conta de explicar como se organiza a sociedade. No momento em que estamos, não são apenas essas questões que são levadas em conta. Segundo Orlandi (2005), a partir dessas relações de (re)produção foram geradas novas formas de dominação. O que a autora chama de alteração da luta de classes pela luta pelos lugares, o que foi uma substituição da esquerda da dicotomia entre ricos e pobres para trazer a luta por outras polaridades.

Seguindo este raciocínio, temos o entendimento de sujeito para a perspectiva discursiva. Pêcheux apud Orlandi (2005) diz que o sujeito então é o resultado da interpelação do indivíduo pela ideologia. Segundo a autora, o assujeitamento pela interpelação da ideologia é a forma que, em qualquer época, subjetiva o indivíduo. Neste caso, mesmo de maneiras e situações diferentes, a ideologia constrói esse sujeito que foi afetado pelo histórico e simbólico.

O assujeitamento é para ser sujeito *de* (ORLANDI, 2015), fazendo funcionar o imaginário que evidencia as reais condições de existência. Por isso, tem-se como resultado a forma sujeito histórica, no nosso caso, o sujeito do capitalismo (ORLANDI, 2005).

Nas novas ordenações de mundo, o sujeito se determina principalmente também por sua função consumidora, por exemplo, chegando-se a conceber a existência de um sujeito antes marginalizado e apagado identitariamente como aceitável na nova sociedade; sua existência passa a ser aceita e reconhecida, uma vez que compra, que consome, que é um diferencial nas relações de produção e consumo na sociedade do capital.

Por isso, estas questões afetam diretamente o objeto de nossa pesquisa, especificamente a identidade homoafetiva do sujeito que atua na nossa profissão, e por sua afirmação mediante sua força social e econômica, mas, sobretudo, política.

A partir do assujeitamento do sujeito e do resultante como sujeito do capitalismo, podemos observar, através das reflexões de Eni Orlandi, outro momento integrante do processo da constituição do sujeito, que é a ação do Estado na individualização do sujeito. Assim,

“Em um novo movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação, é agora o Estado, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde que individualiza a forma-sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos processos de

identificação, leia-se de individualização do sujeito na produção dos sentidos. Portanto o indivíduo, nesse passo, não é a unidade de origem mas o resultado de um processo, um constructo, referido pelo Estado” (ORLANDI, 2005, p. 4)

Através dos modos de individuação pelo Estado temos como resultado o indivíduo ao mesmo tempo responsável e dono de sua verdade, com direitos e deveres (ORLANDI, 2015). Ou seja, pelos mecanismos e instituições de poder, o Estado produz diferentes efeitos no sentido de identificação desse sujeito. E, “é este sujeito, individuado, que vai entrar no processo de identificação. Este não é o indivíduo psicobiológico, mas o que já sofreu a interpelação ideológica e a ação do Estado. Trata-se do indivíduo em seu estatuto *sociopolítico*” (ORLANDI, 2015, p.190).

Como o sujeito que estamos tratando na discursividade se encontra no sistema do Estado capitalista, vale ressaltar as observações sobre esse cenário.

“O Estado capitalista é *estruturado pela falha*, produzindo a *falta* e, em consequência a *divisão, a diferença* que, pelo funcionamento da ideologia em uma sociedade hierarquizada, cujas relações são dissimétricas, configurando-se como relações de força, e de poder, simbolizadas, produzem a segregação (preconceito)” (ORLANDI, 2015, p.192)

Nesta lógica, essa sociedade está estruturada num sentido dualístico, onde se tem ou não se tem. Segundo Touraine apud Orlandi (2005) há uma mudança das compreensões de sociedade. Anteriormente, se buscava definir as relações de produção e seus derivados, mas hoje falamos em globalização ou exclusão. Sendo assim, uma sociedade não mais vertical (observando apenas a classe social), mas uma visão horizontal.

Encontramos, então, a possibilidade de visualizar essas outras características estruturais, isto é, olhamos agora para as classes de gênero e sexualidade e como funcionam as relações de poder e os seus mecanismos, aspectos não debatidos anteriormente, também porque perdeu força e sentido na sociedade fazer a crítica e explicá-la pela dicotomia de sempre apenas entre ricos e pobres.

Aliada aos pensamentos da corrente pós-estruturalista está a Teoria Queer. Os estudos desta teoria buscam problematizar as hegemonias de sexualidade presentes em nossa sociedade. As análises destes estudos se colocam como questionadoras do regime político-social que a heterossexualidade coloca em nossas vivências.

O ponta-pé para os estudos se dá em razão dos diversos conhecimentos e saberes usados pela ideologia heteronormativa que foram passados há séculos pelas

instituições religiosas (e outras instituições) e, até mesmo através de argumentos biológicos. O que entendemos por ideologia é o “conjunto de ideias, convicções e pensamentos de determinado indivíduo ou grupo, que está, de modo geral, ligado a ações políticas, econômicas e sociais” (SILVA e OLIVEIRA, 2016, p. 2).

Para discutir a Teoria Queer, é necessário compreender os desdobramentos que antecederam seus passos, como os questionamentos sobre as normas hegemônicas de sexualidade.

Temos como marco para os estudos sobre sexualidade, os conhecimentos trazidos há mais de cinco décadas pelo filósofo francês Michel Foucault (1926-1984). Desde sua obra “História da Sexualidade - a vontade de saber”, o filósofo foi base para estudos contemporâneos como os realizados por Judith Butler (2002).

Questionar o local ao qual se encaixou a sexualidade dentro do contexto social foi uma das propostas colocadas por Foucault. Ao longo dos tempos, a sexualidade ganha encarceramentos que colocam em disputa seus princípios, adotando-se um papel político na sua reprodução, que resulta numa normalização hegemônica. Logo,

“a sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõem-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio”(FOUCAULT, 1988, p.9)

As reflexões realizadas pela Teoria Queer são sobre regulações feitas pela norma hegemônica da heterossexualidade, que se comporta de maneira fundada em um regime político-social que agrega valores aos sujeitos e fomenta mecanismos de regulação nas nossas vivências (MISKOLCI, 2014).

Para debater sobre a temática da sexualidade e seus desdobramentos, partimos de uma lógica que não naturaliza a heterossexualidade, por isso, compreendemos que existem bases político-culturais que corroboram para seu domínio a fim de sustentar sua hegemonia social (MISKOLCI, 2014).

Existem cinco ideias centrais para se pensar queer. León (2009), apresenta em seu artigo, que busca mostrar uma metodologia para a temática da sexualidade e teoria queer, as lógicas centrais dos estudos.

O primeiro princípio é que as identidades são múltiplas e se organizam e se articulam de diversas formas, na mesma linha do que já dito em Hall (1998). Gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade conversam entre si de infinitas formas; o segundo

coloca que qualquer identidade construída e afirmada é arbitrária e excludente, isto porque, ao se assumir uma identidade se está, ao invés de assumindo liberdade, colocando-se “a jus das” estruturas que comportam tal identidade, excluindo as outras formas de vivências; em terceiro, propõe o reconhecimento de identidade enquanto categoria política, abrindo a possibilidade para a presença da diversidade e a construção de uma cultura acolhedora à diversidade; em quarto, relata sobre a dicotomia homo/heterossexual e seu impacto no fortalecimento do regime sexual atual, ou seja, as “pedras angulares” das relações sociais ocidentais apenas se alternam e não abrem espaço para outras vivências; e por último, se apresenta como proposta de teorização geral sobre corpos, desejos e ações (LEÓN, 2009).

Ao se tomar a heterossexualidade como um dado esperado por teorias, questões jurídicas e relações pessoais nós temos o heterossexismo. A heteronormatividade se apresenta de forma a regular os modelos de vivências através de normas sociais, que não necessariamente impõem a heterossexualidade, mas o modelo das relações. E a matriz heterossexual trata sobre a expectativa social da ordem do sexo-gênero-desejo, ou seja, ao nascer com um pênis, automaticamente é homem e sente atração por mulher (MISKOLCI, 2014).

Conseguimos apresentar de ordem fundamental as noções queer para trilhar os desenvolvimentos compreendidos pela lógica. Lógica essa que desde o nome busca a resignificação de diversas abordagens no tocante às vivências dos sujeitos. Como diz Louro (2018), os teóricos e filósofos utilizam-se da ferramenta da transgressão para subverter, desta forma, nomear-se queer é andar atrelado a resignificados, já que o termo, por significar esquisito, era utilizado para ofender em outros tempos.

Renomada teórica no ambiente das discussões queer, Judith Butler, apresenta em seus estudos e obras os debates sobre as construções de gênero que permeiam e cruzam as relações sociais. Para Butler, o termo “queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (BUTLER, 2002, p. 58).

Ao pensar em Judith Butler não podemos deixar de destacar a importante elaboração do que podemos chamar de teoria da performatividade. Neste entendimento,

“o gênero é performativo, pois é o efeito de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime, os gêneros se dividem e se classificam de forma coercitiva. Regras sociais, tabus, proibições e ameaças punitivas atuam por meio da repetição ritualizada das normas. Essa repetição constitui o cenário temporário de construção e desestabilização do gênero. Não há sujeito que anteceda e execute essa repetição das regras” (BUTLER, 2002, p. 64).

Quando fala em performatividade, Butler toma emprestado o conceito da linguística na busca de explicar que a linguagem não se faz presente apenas para descrever os sentidos sobre sexo e gênero, mas que, ao se falar está se fazendo algo, neste caso, produzindo os corpos e os sujeitos (LOURO, 2018).

Vale ressaltar que as identidades, por assim dizer, são compreendidas como resultantes das interações dos sujeitos com o social. Logo, “não são os sujeitos que têm experiências, mas, ao contrário, são experiências que constituem os sujeitos” (PELÚCIO, 2014, p.173).

Sobre a utilização do termo performance/performatividade por Butler, Daniel Mazzaro (2016) considera que a aplicação se alinha com os estudos dos filósofos John Langshaw Austin e John Searle, no sentido de que existem enunciados que não servem para descrever a ação, mas para agir a própria ação que enunciam, ou seja, são aqueles enunciados que não descrevem a situação, mas agem por si só, como “eu batizo”.

Os atos performativos têm que ser observados a partir da sua eficiência, ou seja, quais são os efeitos resultantes do seu enunciado. Por isso, não cabe a particularidade presente nos atos constativos, que podem receber julgamentos de “verdadeiro” ou “falso”, pela lógica, estes apenas se referem a fatos. (MAZZARO, 2016).

Citando Navarro (2008), Mazzaro coloca que os performativos têm a capacidade de alterar o contexto ao serem enunciados. Utilizando o exemplo descrito no texto, o enunciado “eu os declaro marido e mulher” tem “poder” de realizar a fala-ação (MAZZARO, 2016).

Sendo assim, a partir da leitura de Mazzaro (2016), entende-se que são excluídos das análises de performativo de Austin e Searle os casos que não seguem o padrão ordinário da situação, que não cumprem o formato “ideal” que, por sua vez, segue uma característica ritualística. Ou seja, usando o exemplo apresentado, para se ter sentido performativo na declaração de casamento, é necessária a presença de um sacerdote, um noivo e uma noiva ou quando uma mãe anuncia “é menino” e o

sujeito do qual se refere não cumpre todas as características que essa afirmação carrega (másculo, forte, heterossexual, etc.).

É observando essas considerações que Butler vai reforçar o que já era dito por Austin e Searle nos anos 70 sobre o conceito de performativo. O que destaca Mazzaro (2016), sobre a condição de repetição que é necessária e tange exatamente no que performatividade quer dizer. De certo modo, não se performatiza por livre e espontânea vontade e ou radicalismo, mas se repete aquilo, que muitas vezes, é doloroso e se apresenta em forma de opressão. Segundo Silva e Oliveira (2016), enquanto *status quo*, o gênero e a sexualidade postulam a heteronormatividade e, assim, ditam como os comportamentos que devemos seguir e, quem não os segue recebe sanções e marginalização.

Todos estes conceitos e pressupostos teóricos serão fundamentais para a compreensão do problema de nossa pesquisa neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e nos ajudam a estabelecer um estrato epistemológico (nos ensinam sobre o que já sabemos em termos de conhecimento fundado) e nos ajuda a organizar o entendimento sobre a sexualidade e sua relação posterior com a atividade profissional, no caso jornalística, objeto desta nossa pesquisa.

Os estigmas apresentados pelos mecanismos de regulação da sociedade precisam da ordem da repetição para se fazerem valer dentro dos contextos. A materialização destas normas depende deste processo (LOURO, 2018).

É pensando nesses mecanismos que podemos “reconhecer a sexualidade como um dos eixos centrais das relações de poder da nossa sociedade” (MISKOLCI, 2014, p.17). Desta forma, atrelados às instituições que organizam as regulações dentro da nossa sociedade é que discutimos as hegemonias presentes.

Existe em nossa sociedade, uma lógica que opera de forma binária. A leitura que Miskolci faz de Jaques Derrida observa os tensionamentos presentes.

“a desconstrução, conforme Derrida propôs, procura revelar o jogo de tensões existentes na conformação dos binarismos, mostrando que muito mais que polares, os termos fazem parte de um mesmo regime discursivo que organiza e hierarquiza as relações” (MISKOLCI, 2014, p.34)

O que Louro (2018) afirma é que ao se pensar na desconstrução está se apostando numa possível desestabilização de binarismos linguísticos e conceituais, ou seja, subverte-se a norma heteronormativa como proposto pela Teoria Queer.

É neste sentido que compreender os conceitos apresentados pela Teoria Queer, como as reflexões sobre a ideologia heteronormativa e a performatividade, tornam-se importantes para a realização deste estudo.

Como bem colocado por Louro (2018, p.40), “a teoria queer pode ser vinculada às vertentes do pensamento ocidental contemporâneo que, ao longo do século XX, problematizaram noções clássicas de sujeito, de identidade, de agência, de identificação”, evidenciando a proposta de se pensar as múltiplas possibilidades de identidades e construções.

Desta forma, procuramos observar como os sujeitos da nossa análise performatizam suas sexualidades e onde se relaciona o exercício do jornalismo neste cenário. Para compreender esses sujeitos, nos valem do conceito de relatos de vida, apresentado pelo sociólogo francês Daniel Bertaux (2005).

A partir de uma entrevista, o pesquisador solicita para o informante que narre sua vida ou uma parte dela, seguindo uma ordem elaborada pelo pesquisador e deste modo, busca compreender uma realidade sociohistórica.

“O objetivo dessa entrevista não é outro senão estudar um fragmento particular da realidade sociohistórica, ou melhor, como ela funciona e como se transforma, dando ênfase à configuração das relações sociais, nos mecanismos, nos processos e na lógica de ação que a caracterizam” (MAZZARO, 2016, p.43)

Vale lembrar que, através do discurso é que homens e mulheres estabelecem as suas relações sociais, criam vínculos e se inserem numa lógica social que apresenta hierarquias, posições e relações (CARVALHO, 2016). E, por isso, a discursividade se torna aliada para a compreensão dos contextos em que os sujeitos estão inseridos.

Carvalho (2016) aponta que, neste tipo de estudo, a análise ocorre mais por um sentido de interpretação do pesquisador do que numa lógica de explicação.

“Essa afirmativa implica a concepção de que a realidade é observada e as hipóteses são construídas a partir da percepção do autor/pesquisador – e dos seus conhecimentos, pontos de vista e imaginários. De modo semelhante, as narrativas dos sujeitos entrevistados são elaboradas a partir de uma determinada visão do mundo, de determinadas experiências sociais e das posições ideológicas que tais sujeitos mantêm” (CARVALHO, 2016, p.31)

Ainda, ao se colocar no discurso como personagem da história o enunciador

parte do pressuposto de uma intenção final, seja ela de credibilidade, comoção, etc., mas nada garante que o resultado seja como o esperado, assim como todo discurso (CARVALHO, 2016).

Podemos então, desta forma, considerar como estratégias comunicativas (MAZZARO, 2016) os relatos de vida, pois são instrumentos de materialização dos propósitos discursivos dos sujeitos enunciantes.

O que Carvalho (2016) destaca em seu texto em relação à narrativa de vida, é que Bertaux (1997) já defendia que a narrativa trazida pelo locutor é resultante de uma análise atual do que foi passado. Ou seja, se olha para o passado com os olhos do presente e se faz reflexões em cima disso.

“Assim, a ideia comum de que o relato de vida corresponda à total abrangência da vida de um sujeito (ideia concordante com a concepção maximalista) é substituída pela tese de que a narrativa de vida seja uma produção discursiva marcada pelo verbo ‘contar’” (CARVALHO, 2016, p.34)

Por isso, é que Mazzaro (2016) coloca que

“quando lemos os relatos de vida, não procuramos saber sobre a vida pessoal como um reflexo psicológico particular de um ser, mas como uma “atuação” de um sujeito que pertence a uma sociedade que lhe imprime determinados saberes para que possa chegar a ser compreendido nesse lugar” (MAZZARO, 2016, p.50)

Desta forma temos que as experiências em sociedade constroem os saberes do sujeito e, assim, ele consegue (re) compreender até mesmo as suas vivências passadas, dando novos significados a partir do olhar do presente.

O que se busca entender é de que forma os jornalistas gays apresentados pelo recorte deste estudo performatizam suas sexualidades. Através dos relatos de vida, concedidos por meio de entrevistas apresentadas no Capítulo III - O Universo Empírico, esperamos chegar a uma compreensão dessa questão.

Logo, partimos para o próximo capítulo em que abordamos o cruzamento dos estudos de sexualidade com o jornalismo.

3 AO TORNAR-SE PAUTA: O “EU” JORNALISTA GAY

Pensar o exercício da profissão de jornalista está para além de se debater a liberdade de imprensa e a disseminação de *fake news*. Em tempos em que a imprensa

se torna tão descredibilizada está sendo necessário pensar e afirmar diversas vezes o papel importante que desempenha na sociedade. Neste item do trabalho, vamos tratar sobre a relação do exercício do jornalismo com o sujeito gay e como se dão os estudos sobre essa temática.

Os estudos sobre sexualidade e gênero atrelados à comunicação social e ao jornalismo estão cada vez mais ganhando espaço na produção de conhecimento científico. Um dos objetos de vários estudos é a telenovela. Pela grande audiência, esse material se torna relevante para as pesquisas que relacionam comunicação e pautas sociais, como é o caso do estudo intitulado “Do Estereótipo ao Social: As fases da Representação Homossexual nas Telenovelas da Rede Globo” (MOREIRA et al., 2015)

A telenovela trilhou caminhos e alcançou um patamar onde a narrativa invade o cotidiano do público, fazendo que esse se reconheça nas ações que acontecem através das telas, o que “origina uma forte influência nos sujeitos a ponto dos mesmos passarem a se identificar com o que está sendo proposto pela telenovela e inserindo-se, conseqüentemente, em grupos sociais ou criando outros” (Idem).

Cabe aqui salientar que, abordar as pesquisas que trazem como estudo as telenovelas nos é pertinente por serem produtos midiáticos que, de certa forma, colaboram com a formação de visões de mundo, tanto que para Marcondes Filho (1994) apud Moreira (et al., 2015), a televisão fabrica mundos, ou seja, se torna uma grande aliada na compreensão de como o homossexual é visto na mídia.

Já que a telenovela corrobora com as construções de realidade, é possível perceber que há uma crescente inserção de personagens homossexuais ou pautas de diversidade sexual nas narrativas, porque isso acompanha as pautas políticas levantadas “no mundo real”.

Através das representações sociais do gay na mídia, muitas vezes, é que se formula padrões para os que fogem do *status quo*, da heteronormatividade. Em “Diversidade na mídia: a imagem do gay estereotipado”, Silva (2018) buscou trazer de que forma as novelas constroem a imagem sobre o gay.

A pesquisa de Silva (2018) contribuiu para visualizar como a telenovela explora a imagem do gay em suas narrativas e nos faz compreender como ocorre essa construção que, ao longo do tempo, foi se adaptando, de forma gradativa.

Os núcleos analisados pela autora são das novelas “Amor à vida” e “Orgulho e

Paixão”. Foi do nosso interesse observar mais detalhadamente como foi elaborada a reflexão sobre a construção do personagem Félix, da primeira novela citada. Esse viveu “um casamento [heterossexual] de fachada, [...] formou aquela família para agradar seu pai” (SILVA, 2018, p.26), evidenciando que o personagem passa por uma pressão para se encaixar no padrão vigente de formação de famílias entendidas como tradicionais. Ressaltamos que,

a manutenção da heteronormatividade não se dá pela exclusão do discurso sobre a homossexualidade, e sim por torná-la excêntrica, exótica, transformando-a em um “estilo de vida” da minoria da população, reforçando a hegemonia da norma heterossexual (DARDE, 2008, p.226)

Ou seja, é na segregação da homossexualidade (ou sexualidades não heterossexuais) que se fortalece a ideia de uma hegemonia, que pode ser reforçada através dos meios de comunicação, mídias e imprensa.

Para elencar como a homossexualidade é compreendida pela mídia, tratando-se de representação, utilizamos Darde (2008), que em seu texto "A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira" buscou abrir a discussão sobre o papel da mídia e da imprensa na garantia de direitos e reconhecimento social para os homossexuais. O autor, em sua pesquisa, traz uma reportagem apresentada pelo programa Globo Repórter (transmitido pela TV aberta através da Rede Globo) como objeto de análise. Seu estranhamento surge ao observar que o casal da situação era sempre comparado aos casais tradicionais.

Como aponta Darde (2008),

Processos como a industrialização e urbanização, além da consolidação da sociedade civil, que ocorreram a partir do final da década de 1970, tiveram um impacto na vida dos brasileiros. Essas mudanças influenciaram o aparecimento de estilos, identidades e comunidades sexuais no Brasil de forma bastante tangível (DARDE, 2008, p.225)

Segundo Facchini (2003), foi na segunda metade da década de 70 que o movimento homossexual surgiu no Brasil. Todas as instituições e associações que possuíam o objetivo comum de proteger ou garantir direitos com relação à orientação sexual era o que se entendia como “movimento sexual” nas produções científicas de Facchini.

Ao considerar a recapitulação do histórico do movimento homossexual,

realizada por Facchini (2003), busca-se, no presente trabalho, alinhar as ações políticas e seus períodos temporais para que se compreenda o caminho que trilharam, junto à mídia, as relações sociais que envolvem diversidade sexual. Também por que é com esta caminhada que a cultura em torno da sexualidade é tensionada, ou seja, surgem mais discussões sobre a temática pela visibilidade que os movimentos sociais têm.

O movimento homossexual no Brasil pode ser entendido em três momentos distintos, marcados por períodos históricos (FACCHINI, 2003). Segundo a autora, o primeiro momento se deu focado no eixo Rio-São Paulo, pelo desenvolvimento cultural presente na região, e foi tomado pelo caráter de transformação no cenário que se apresentava sobre as relações sociais que envolviam a sexualidade.

Houve, logo após a "primeira fase", pela década de 1980, o que foi conhecido como "peste gay" e entendido como segunda fase do movimento homossexual no Brasil. O que foi identificado pela autora é um espaço-tempo limitado para os estudos sobre o movimento homossexual no país após o surto da AIDS pelo mundo, pela falta de material bibliográfico sobre o assunto.

É na terceira fase, que então, segundo Facchini (2003), no início da década de 1990, o movimento ganha outro caráter com aparição na mídia e movimentos em busca de direitos humanos.

Ao adotar uma outra lógica para formar uma política de identificação homossexual no país, os movimentos seguiram o que vinha acontecendo pelo mundo em relação à liberdade sexual.

Essas transformações internas foram acompanhadas por uma série de mudanças na sociedade brasileira, por influências que poderíamos chamar aqui de globalizadas e pela aproximação do movimento com alguns outros atores sociais que se tornaram fundamentais para compreender seus rumos e a sua configuração atual (FACCHINI, 2003, p.115)

A epidemia da AIDS teve papel significativo no movimento homossexual brasileiro. De certa forma, agravou o que já se pensava sobre a homossexualidade, mas "a AIDS colaborou bastante para aumentar o que os militantes do movimento homossexual chamam de visibilidade da homossexualidade" (FACCHINI, 2003, p.119).

A inserção das pautas sociais pela mídia passa pela forma, contexto e dimensão que não nos cabe discutir apenas refletir, que "é válido ressaltar que essas

discussões nem sempre auxiliam na redução do preconceito, mas geram o convite ao espectador a discutir o assunto, muitas vezes ultrapassando o campo da televisão e indo às redes sociais, por exemplo” (MOREIRA et al., 2015, p.5).

O estereótipo trazido para o gay dentro das produções se deu de três formas que, em alguma medida, ainda seguem perpetuadas nas representações, sendo elas: afeminado, criminosos e heterossexualizados. Segundo Colling (2007), a TV Globo apresentou narrativas que traziam gays como afetados, criminosos e heterossexualizados nas suas novelas e isso contribuiu para o entendimento do público sobre os homossexuais em geral, podendo ser uma vertente para a percepção dos jornalistas que são gays.

“O surgimento de grupos organizados de homossexuais no país e no mundo também foi significativo para a busca por respeito e direitos iguais. No Brasil, por exemplo, não existe nenhuma lei que criminalize a homossexualidade” (DARDE, 2008, p. 226). A a garantia de direitos vem crescendo e enfrentando os diversos cenários (difíceis) que se apresentam para as pessoas que fogem à heteronormatividade (BUTLER, 2003).

Os avanços em relação à garantia de direitos à Comunidade LGBTQIA+ vão acontecendo ao longo da história. Em 2008, quando se estava discutindo a aprovação da união estável entre casais homossexuais, Darde já falava (mais de dez anos atrás, portanto) sobre uma caminhada com avanços aos direitos à Comunidade LGBTQIA+. “Esse passo permite desconstruir um dos maiores tabus existentes na humanidade, o de que a homossexualidade é ‘anormal’, um desvio sexual, doença, pecado, desequilíbrio emocional, e outras classificações que são atribuídas pelos conservadores e religiosos” (DARDE, 2008, p.226).O conceito de normalidade vem sendo retrabalhado, principalmente pela ciência comportamental e pela Psicanálise, de modo a se construírem também parâmetros absolutamente novos sobre normalidade e diferenciá-los do que se entenda por comum. A consciência hoje é que a realidade pode não ser comum e ainda ser assim considerada como normal. Este entendimento vale para todas as formas de vida social e orientações, bem como para padrões físicos e neurológicos, de inteligência, de capacidade, de limitações ou deficiências.

No Brasil, através da Lei 7716/89, a homofobia foi enquadrada na Lei de Racismo, ou seja, além de ter avanços na garantia de direitos à Comunidade

LGBTQIA+ e da inserção do assunto e das vivências na mídia, a violência e exclusão desta parte da sociedade é crime no país, sendo passível de punição de reclusão.

É nesse sentido que o papel da mídia pode ser pensado

A mídia, enquanto instância social que pode tanto legitimar quanto silenciar grupos e sujeitos sociais, deve perceber que é determinante nesse jogo de poder. A compreensão mais ampla da identidade sexual e da sexualidade, e sua construção histórica, é que pode contribuir para perturbar a tranquilidade da heteronormatividade reproduzida na sociedade (DARDE, 2008, p.228)

Ao pensar no jornalismo como porta-voz para a diversidade de vozes presentes na sociedade, podemos refletir o papel do jornalista como chave para as ações de democracia. “Ao tomar várias decisões todos os dias dentro da redação, a posição cultural, política e ideológica do jornalista pesa de alguma forma no produto final do seu trabalho, por mais que ele esteja submetido à lógica alienante dentro de uma empresa” (PACCOLA, 2004, p.4).

O jornalismo assume estratégias ao organizar as informações para passar adiante ao público, e “ao definir essas estratégias, a mídia cria e reforça representações do discurso social hegemônico” (DARDE, 2008,p. 224)

Neste sentido, podemos perceber que o jornalista se coloca dentro da notícia e das suas produções, ao observar o fato por certa perspectiva, o profissional traz consigo sua história, posições sociais e afins.

O jornalista atua como ator político na construção de realidades, já que

Não é possível, portanto, pensar no papel do jornalista como um provedor de informações, como um “informar” automático, meramente técnico, como se a função do jornalista se restringisse a coletar as informações, de acordo com os procedimentos técnicos, da vida como ela é. Como se só houvesse uma verdade unívoca. O jornalista é um transmissor de significações do mundo, mesmo que ele imagine estar simplesmente transmitindo informação objetiva (PACCOLA, 2004, p. 9)

Ao se pensar no jornalismo como uma ferramenta para a mudança de realidade, ou (des)construção social, vemos que ele se torna chave para o processo de entendimento da realidade pelos sujeitos, ou seja

O jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais. A hipótese de que ocorra uma reprodução do

conhecimento, mais complexa do que a sua simples transmissão, ajuda a entender melhor o papel do jornalismo no processo de cognição social. (MEDITSCH apud DARDE, 2008).

Desta maneira, o jornalismo trabalha na construção de uma realidade que, de certa forma, contribui nos mecanismos de reforço dos valores dominantes na sociedade, no caso, a heteronormatividade (DARDE, 2008; BUTLER, 2003).

Uma das maiores referências nas reflexões sobre o jornalismo e o jornalista foi o professor e jornalista Nelson Traquina. Em sua obra “Teorias do jornalismo - Volume II: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional” ele fala sobre a identidade do jornalista e responde à dúvida do “que é ser jornalista?”.

Se os jornalistas não foram capazes de fechar o seu “território” de trabalho, foram capazes de forjar uma forte identidade profissional, isto é, uma resposta bem clara à pergunta “o que é ser jornalista”, parte de toda uma cultura constituída por uma constelação de crenças, mitos, valores, símbolos e representações que constituem o ar que marca a produção das notícias. A vasta cultura profissional dos jornalistas fornece um modo de ser/estar, um modo de agir, um modo de falar, e um modo de ver o mundo.[...] Têm uma vasta cultura rica em valores, símbolos, e cultos, que ganharam uma dimensão mitológica dentro e fora da ‘tribo’ e de uma panóplia de ideologias justificáveis em que é claramente esboçada uma identidade profissional, isto é, um *ethos*, uma definição da maneira como se deve ser (jornalista)/estar (no jornalismo) (TRAQUINA, 2005, p.36-37)

Para se pensar a questão do jornalista no exercício da profissão, podemos aqui indicar o que o sociólogo Warren Breed foi precursor. Os seus estudos foram os primeiros a pensar na organização como indicadora de como fazer jornalismo. A teoria organizacional diz que o jornalista está mais de acordo com o que diz a linha editorial e a organização do que com as questões individuais que carrega consigo. “Considera que o jornalista se conforma mais com as normas editoriais da política editorial da organização do que com quaisquer crenças pessoais” (TRAQUINA, 2005, p.152). Desta forma, podemos entender que a organização atinge, de alguma forma, a percepção/identidade do jornalista enquanto profissional.

Sabendo que o jornalista assume uma linha editorial dentro da redação, podemos nos questionar de onde ela vem ou de qual forma é apresentada. Segundo Breed (1993), ao ingressar nas redações jornalísticas, para o profissional sem experiência não será dita a política editorial em momento algum, acontece o fenômeno da “osmose” neste aprendizado.

O sistema do jornalismo é rodeado de sanções. Para Breed (1993), alterações

em textos, assinaturas (ou não) em matérias são formas de sanções dentro das redações jornalísticas. O que vai ao encontro do que diz Alberto Dines (1986), que o cotidiano do jornalista é tomado por decisões, que vão desde a escolha de uma palavra até o direcionamento dado à pauta, ou seja, desta forma tomar decisões dentro das redações podem levar às sanções da organização. Por ser um ambiente que já segue esta lógica, podemos questionar como as políticas editoriais podem interferir na identidade dos jornalistas gays, em relação a sua orientação sexual.

É importante ressaltar o papel da instituição de emprego na formação da identidade do sujeito quando, neste trabalho, falamos das experiências e percepções dos jornalistas em seus ambientes de trabalho.

A cultura organizacional pode exercer grande influência na construção da identidade dos trabalhadores, uma vez que, no contexto das instituições, esses indivíduos se transformam, na medida em que se adaptam às demandas dos vários grupos sociais dos quais fazem parte. (RESENDE; DE PAULA, 2011, p. 125)

Na pesquisa em psicologia realizada por Resende e De Paula (2011), foram elencados três elementos para discutir uma cultura organizacional e influência na identidade dos funcionários de uma empresa: o pensar, o sentir/perceber e o agir. No pensar, “pode-se notar a imposição de uma regra que é ideologicamente repassada – de forma implícita e naturalizada – como forma de funcionamento da instituição” (RESENDE; DE PAULA, 2011, p.129-130), ou seja, através de mecanismos de linguagem e discurso são repassadas considerações que se tornam inquestionáveis para os funcionários.

Já no sentir/perceber “está intimamente entrelaçado às questões da identidade e identificação dos trabalhadores, uma vez que abrange aspectos mais subjetivos e inconscientes das relações pessoais e institucionais” (RESENDE; DE PAULA, 2011, p.130). Já o agir está relacionado com a forma que as informações dentro da organização são administradas.

Assim, ao pensar na união das três etapas tem-se, na pesquisa, o processo como um todo. Contudo, esse processo tem impacto na formação das identidades, mas “não há uma identidade padronizada, um mesmo indivíduo pode ter ‘múltiplas identidades’, posicionando-se de modos diferentes, em diferentes contextos e situações de acordo com o papel que está exercendo” (RESENDE; DE PAULA, 2011,

p.134). Neste sentido, no presente trabalho se busca observar qual é a relação do exercício do jornalismo com a identidade sexual do profissional.

É com discursos que carregam a heteronormatividade intrinsecamente que observamos diversos materiais veiculados na mídia nacional. Em 2021, o jornalista da Rede Globo, Marcelo Cosme afirmou que “não quero ser só o jornalista gay do telejornal” ao falar sobre a sua orientação sexual publicamente. Neste contexto, por que a existência de jornalistas gays ainda causa estranhamento na sociedade?

Não é de hoje que vemos e percebemos que “dentro” do jornalismo a heteronormatividade está presente (como em outros ambientes da nossa sociedade). Evidenciar o cenário heteronormativo e como ele se configura para os sujeitos jornalistas gays foi objeto de pesquisa de Porto (2017). O pesquisador, em seu texto intitulado “‘Põe a cara no sol, mona’: a heteronormatividade no exercício da profissão do jornalista gay”, buscou apresentar, utilizando-se da metodologia de análise de conteúdo, como se apresentavam as normas sociais sobre sexualidade durante o exercício do jornalismo.

Ao considerar a presença e atividade de jornalistas gays dentro do mercado de trabalho, o autor consegue definir que

Ao escolher jornalismo como profissão e vivendo dentro de uma cultura heteronormativa, o jornalista gay está sujeito a um sistema de constrangimentos e sanções, a ser vítima de retaliações não decorrentes de mau desempenho ou comportamento, diferença salarial, a retaliação de oportunidades, não assumir um relacionamento com alguém do mesmo sexo, conter os seus trejeitos e sofrer, através de colegas de trabalho, o disciplinamento do próprio corpo (PORTO, 2017, p.17)

Pensar a heteronormatividade dentro do jornalismo é fundamental para observar como se dá a relação da profissão com a identidade do jornalista. De certa forma, quando o jornalista tem uma orientação sexual diferente da heterossexual, para a organização, torna-se “passível de receber sanções no ambiente de trabalho” (PORTO, 2017, p.20). Traquina (2005) fala dos constrangimentos sentidos pelos jornalistas no exercício da atividade em empresas de comunicação, quando descreve este entendimento pela Teoria Organizacional. Poderíamos facilmente convergir com aquela descrição que nos oferece o autor e acrescentar um outro constrangimento, que também se insere numa espécie de acomodamento no exercício da profissão, notadamente, o acomodamento sobre as normas de conduta que assim regem as

interações nos ambientes de trabalho desde uma cultura organizacional. Ainda que se conceba o universo da comunicação, por algum motivo, mais flexível no acolhimento à diversidade, entre elas a de gênero, é bem razoável que se considere que também nesses ambientes exista um ajustamento de condutas, de modo a que o diferente não agrida a cultura em circulação.

No capítulo III, intitulado “Descrição do universo empírico” iremos apresentar o que dá voz ao nosso trabalho: os jornalistas gays entrevistados.

Na presente pesquisa, compreendemos ser fundamental (para alcançar os objetivos geral e específicos) a utilização de entrevistas com sujeitos jornalistas autodeclarados gays. Ao todo são dez entrevistados divididos em dois blocos de entrevistas pela característica principal: ser gay e estar em formação ou atuação no mercado de trabalho em jornalismo.

Através das entrevistas semiestruturadas em busca dos relatos de vida dos sujeitos da pesquisa, podemos elaborar considerações que nos levam a compreender e confirmar ou não nossas hipóteses do problema de pesquisa que os jornalistas gays possuem dificuldade em assumir a sua orientação sexual e a orientação sexual homossexual é considerada problema dentro do exercício da profissão.

4 A DESCRIÇÃO DO UNIVERSO EMPÍRICO

A presente pesquisa reuniu, em sua parte empírica e procedimental, um recorte inicial das entrevistas primeiro coletadas, por iniciativa do pesquisador, junto a jornalistas autodeclarados homossexuais, tanto sujeitos em formação quanto profissionais já com atuação no mercado de trabalho. Neste capítulo, buscamos descrever metodologicamente este percurso, os instrumentos de pesquisa utilizados e dar início ao processo de reflexão e observação dos sentidos possivelmente produzidos por aqueles dizeres.

Esta investigação foi pensada numa escolha por uma pesquisa de natureza qualitativa, posto que ela não teve já no seu propósito e desde a intenção de projeto, qualquer preocupação quantitativa ou com relação ao caráter de identificação numérica dos envolvidos na amostragem. Sabíamos que seria difícil encontrar depoentes, sujeitos não apenas autodeclarados de sua orientação sexual, mas, também dispostos a falar para a pesquisa.

Para a realização do estudo, procedemos ao que, na tradição da Pesquisa Social, se reconhece como entrevista em profundidade. Duarte (2005) aborda em seu texto “Entrevista em profundidade” a essência desta metodologia aplicada às Ciências Sociais. É uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. (...) Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística” (DUARTE, 2005, p. 62).

A garantia de preservação de suas identidades foi dada aos depoentes, mas não foi necessário submeter o estudo ao Conselho de Ética e Pesquisa da Unipampa, do qual o orientador desta pesquisa foi, aliás, membro efetivo por vários anos. Esse procedimento só é exigido em pesquisas que envolvam experiências com humanos e ou animais, em condição de experimentação, com manipulação de situações que alterem resultados. Nos casos de estudos que envolvam instrumentos de coleta como questionários, formulários, etc, é apenas necessário que os depoentes concordem com o uso de seus dados, garantido seu anonimato e preservada sua identidade³.

³ Em função da pandemia da COVID-19, estes consentimentos foram pedidos por escrito em tela de plataforma digital a cada um dos depoentes e não pessoalmente, uma vez que foi através de redes sociais que se conseguiu contato com os mesmos e se negociou fazerem as declarações ao pesquisador.

A investigação não busca por causas do objeto, mas, pela descrição fenomenológica de seus eventuais significados, tendo-se efetuado um cuidado extremo para se evitar generalizações ou interpretações genéricas decorrentes dos enunciados pelos sujeitos que se dispuseram a realizar depoimentos. Segundo Pedro Demo (1998, p.92), “a intenção própria da pesquisa qualitativa, (...) é perseguir faces menos formalizáveis dos fenômenos, às quais damos o nome de qualidade”. Nesse sentido, a pesquisa voltou-se mesmo ao que de menos formalizável, mas, de alguma forma, representativo e ou singular, parecia haver nas declarações dos entrevistados.

Sob o conteúdo empírico, numa fase seguinte, procedeu-se à análise subjetiva e interpretativa, sempre com decisivo apoio e supervisão do orientador, e buscou-se estreitar o tratamento de dados a um recorte teórico que permitisse uma reflexão sobre os dados. Para Duarte (2005), após a coleta dos dados, o pesquisador busca organizar os resultados, articulando-os para melhor compreensão do leitor. E foi assim que procedemos.

A investigação teve como *corpus* de pesquisa um conjunto, então, de entrevistas gravadas, em áudio e vídeo, inicialmente com um grupo de cinco entrevistados que responderam afirmativamente ao estudo, todos com atuação no mercado, e num segundo momento, com estudantes em formação em Jornalismo, quando foram também selecionados cinco depoimentos. Nos dois grupos, buscaram-se sujeitos autodeclarados gays. Para a participação dos sujeitos na pesquisa foi levada em consideração a autodeclaração dos mesmos como homossexuais, sendo esta sua condição primordial à participação como amostragem no estudo. Não foram descartados depoimentos por quaisquer razões, exceto quando sondados sujeitos que não se encaixavam nas condições específicas da pesquisa. Todas as entrevistas concedidas foram validadas para efeito de amostragem e resultaram no recorte real definitivo da pesquisa.

O primeiro contato para selecionar os entrevistados foi de alguma dificuldade na nossa avaliação crítica, pois não se encontravam tão claras e de antemão as identidades dos sujeitos autodenominados gays e com atuação nos meios de comunicação, cuja evidência e visibilidade nos permitisse ligeiramente contactá-los para fins da pesquisa. Com efeito, este é um tipo de condição que, por mais afirmativamente seja um sujeito, não tem razão nenhuma para se encontrar

automaticamente exposto ao conhecimento alheio. Trata-se da intimidade da vida destes cidadãos em sua sexualidade e identidade de gênero. Mas, ainda assim, nos parecia até então o critério mais razoável para que fossem considerados aptos ao estudo que pretendíamos, ou seja, que se afirmassem como tais.

A partir dessa dificuldade inicial encontrada no processo de identificação dos jornalistas, que deveriam compor um primeiro grupo de amostra, optou-se por realizar a abordagem com os sujeitos através de grupo no Facebook solicitando diretamente uma entrevista aos jornalistas autodeclarados gays que estivessem em atuação no mercado de trabalho. Obteve-se dessa tentativa alguns comentários marcando perfis da rede social e em seguida entrou-se em contato com estes profissionais. Dos 118 comentários que a publicação alcançou, apenas quinze deles tinham como conteúdo algum perfil da rede social marcado. Foram enviadas mensagens aos perfis marcados e, em seguida, aos que responderam positivamente à participação e se disponibilizaram para a entrevista. Os outros não responderam a primeira mensagem nossa enviada pela caixa de mensagem na plataforma da rede social.

Para tratamento descritivo da amostra dos materiais que julgamos representativos ao objeto de nossa investigação, reunimos parte da amostragem em blocos e assim poderemos dar melhor tratamento às entrevistas, preparando-as para análises numa etapa seguinte e nos favorecendo refletir sobre as suas características em profundidade, observando o perfil dos jornalistas que responderam às perguntas em entrevista e fazendo cruzamento de dados, o que é essencial mesmo em uma pesquisa qualitativa.

O primeiro bloco de entrevistas reuniu, então, depoimentos de cinco entrevistados, sendo todos eles homens, jornalistas gays e com grau de bacharel em jornalismo, todos sem exceção, declararam-se sujeitos em atuação no mercado de trabalho em jornalismo. Para a obtenção de dados brutos, utilizou-se da técnica de entrevista semiestruturada que permite maior liberdade na interação entre entrevistado e entrevistador, proporcionando ao entrevistador elaborar, quando necessário, novas interrogações partindo das respostas do entrevistado (TRIVIÑOS, 1987, p.146). Como a proposta de pesquisa se configurou no final do ano de 2019 e primeiro semestre de 2020, o processo de captação das entrevistas aconteceu antes e durante a Pandemia da Covid-19⁴.

⁴ Segundo o Ministério da Saúde, a Covid-19 é uma doença causada pelo novo coronavírus, que varia de infecções

No cenário de Pandemia da Covid-19, as entrevistas foram realizadas através de videochamadas e foram salvas telas, com áudio e imagem. Para a realização das entrevistas deixamos claro, desde o primeiro contato com as fontes sobre o sigilo de seus dados, que o assegurado sigilo foi mesmo possível, principalmente, mediante a credibilidade entre orientador e orientando e deste último com as fontes das entrevistas. Os arquivos foram enviados ao orientador para dar segurança sobre a coleta realizada e aqui serão reproduzidos em anexo a este TCC sem imagem nem nomes reais dos mesmos por protocolo de ética da pesquisa científica e em cumprimento ao sigilo assegurado aos sujeitos.

Este primeiro bloco de entrevistas contou com cinco jornalistas gays, de idades entre 24 e 38 anos, que se dispuseram a relatar sobre as suas experiências no jornalismo e a relação das suas identidades sexuais com o exercício da profissão. O objetivo das entrevistas foi o de compreender como o jornalista observa o seu reconhecimento como sujeito homossexual no exercício do jornalismo. A partir disso, o que se pretendia era que eles pudessem nos revelar sobre a relação das suas sexualidades com o exercício da profissão e em que medida sentiam ou percebiam que isto interferia em seu exercício profissional ou no ambiente de trabalho.

Os nomes dos sujeitos foram alterados no tratamento de texto monográfico desse estudo na forma de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para assegurar o anonimato e as empresas em que trabalham ou trabalharam aqueles sujeitos que concordaram em nos conceder os depoimentos, sendo tomadas no conjunto as suas declarações para efeito de descrição de aspectos que julgamos representativos num sentido mais abrangente que apenas as circunstâncias individuais de certos fatos ou meras declarações isoladas. O quadro da amostra final, neste primeiro grupo, poderia ser assim então representado:

Quadro 1

Nome e área de atuação do sujeito

Nome	Área de atuação	Duração da Entrevista
Rodrigo ⁵	Trabalhou em assessoria de imprensa, comunicação	18min12s

assintomáticas a quadros respiratórios graves. Devido à Pandemia do Covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem colocado o isolamento social e a quarentena como ferramentas para evitar contágios em massa.

⁵ Para seguridade do sigilo das fontes, os nomes dos entrevistados foram alterados. Sendo usados pseudônimos para a nomeação durante a redação da pesquisa.

	interna e, atualmente, é repórter.	
Alexandre	Assessor de Comunicação	14min38s
Guilherme	Mídia Social	30min57s
Antônio	Jornalista Automotivo	19min45s
Francisco	Assessor de Comunicação	18min57s
		Total: 1h41m29s

Fonte: OLIVEIRA, Crystian. Estudo Monográfico. Unipampa (2020)

Passemos aqui à descrição de aspectos declaratórios dos entrevistados em sua relevância para análise e cruzamento de dados. O primeiro a que reportaremos é Rodrigo (nome ficcional como todos os demais). Desde o início da faculdade de jornalismo, Rodrigo (27) já teve contato com o exercício da profissão. Iniciou como estagiário em assessoria de comunicação em uma pequena empresa na sua cidade natal. Mas, sua familiaridade com as redações começou bem antes. Com pai também jornalista, Rodrigo estruturou no seu imaginário o que iria encontrar dentro das redações: “Sempre soube que era um ambiente extremamente machista, mas que havia vários gays, lésbicas dentro da redação e todo mundo era respeitado”, disse o jornalista, refletindo sobre as expectativas que tinha.

As percepções que Rodrigo tinha da relação entre identidade sexual e exercício do jornalismo foram ganhando forma a partir da reflexão sobre o fato de que as pessoas não eram vistas apenas como gays ou lésbicas dentro das redações, mas como jornalistas e também gays e lésbicas. Esse trecho do seu depoimento nos leva a perceber que a discussão sobre orientação sexual só está presente quando a expressão da sexualidade foge da heteronormatividade presente como norma na nossa sociedade.

Se reconhecer como sujeito gay fora do exercício da profissão foi importante para Rodrigo, no sentido que isso facilitou na compreensão dele de que a sua orientação sexual não seria uma dificuldade no ambiente de trabalho, e se fosse, iria enfrentá-la. Esse enfrentamento, no caso de Rodrigo, foi construído junto à família que sempre deu apoio e segurança de que ele não seria prejudicado de qualquer forma.

No seu ambiente de trabalho, Rodrigo nunca sofreu homofobia direta, no sentido de agressões físicas ou verbais, mas já escutou piadas machistas e homofóbicas e se posicionou contra⁶. Ele conta que numa ocasião, o comentário homofóbico partiu do seu chefe, que após ser advertido que a fala tinha cunho preconceituoso, pediu desculpas a Rodrigo. Esse comportamento nem sempre é o normal em ambientes de trabalho, mas vem sendo, ao que tudo indica, uma forma crescente de respeito e convívio entre pessoas de diferentes orientações sexuais no jornalismo.

Quando questionado sobre censura no ambiente de trabalho, Rodrigo também refletiu que nada foi tão explícito, mas que, em uma das suas experiências já se sentiu censurado. De fato, a censura implícita é uma forma velada de preconceito e parece muito frequente no comportamento social dentro e fora das empresas, não só nesta área, mas em todas as profissões. Nessa situação referida, Rodrigo conta que usava alguns acessórios em sua mochila e um deles era representação da bandeira da Comunidade LGBT e, tendo o argumento subsidiado pelo código de conduta rígido da empresa, a responsável afirmou que a instituição fazia muita questão da sobriedade. Rodrigo não soube dizer se foi apenas pelo acessório em sua mochila, mas na situação ele se sentiu censurado.

Logo no segundo sujeito da investigação, coletamos dados sobre como ele lidou com sua orientação sexual no ambiente de trabalho e sabemos que ele nunca precisou falar abertamente sobre sexualidade no seu ambiente de trabalho e que ele acredita que as pessoas tomam conhecimento da sua orientação sexual através da rotina no ambiente de trabalho, como quando ele pesquisa sobre artistas da Cultura Pop ou pelos lugares que frequenta. Sendo assim, seguem estereótipos de quais são os assuntos dialogados por gays e os ambientes que costumam visitar.

Os colegas de trabalho de Alexandre (38) (o nome ficcional que aqui criamos para este segundo depoente) sempre agiram com naturalidade quanto à sua orientação sexual e isso nunca gerou nenhum tipo de problema para ele dentro da

⁶ Segundo o Anuário de Segurança Pública de 2019, organizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no ano de 2018 o Brasil contava com apenas 6 delegacias especializadas para crimes contra LGBT+ distribuídas entre 3 estados. No mesmo ano, foram registrados 109 homicídios dolosos, 713 lesões corporais dolosas e 83 casos de estupro. No documento é evidenciado que trata-se do primeiro levantamento nacional de dados oficiais de segurança pública sobre violência LGBTIfóbica. Este relatório complementa o mapeamento realizado há quatro décadas pelo Grupo Gay da Bahia (GGB). No último relatório do GGB, em 2019 o Brasil teve 329 mortes violentas de LGBT+.

sua ocupação. Observamos, por seu depoimento, que ele se sentindo assim, conforme nos falou, nos passa a impressão de sua sensibilidade quanto aos fatos, o que nos faz querer acreditar que tal qual tenha acontecido, consideremos como possível que um sujeito possa desejar ver e sentir assim ou não perceber alguma censura ou preconceito menos explícitos.

Os comentários machistas e homofóbicos também circulavam no cenário de seu mundo, segundo Alexandre que, assim como Rodrigo, se posiciona contra no momento em que escutava os dizeres de cunho preconceituoso circulando no seu local de trabalho.

O processo de aceitação da sua sexualidade demorou para Alexandre. Ele acredita que se aceitar como gay foi posterior a entender que sentia atração sexual por homens. Conta que chegou a sair com mulheres, pois não entendia se o que estava sentindo era um caminho certo ou não, pela ótica da heteronormatividade⁷. Foi só após ter contato com o que ele chama de “vida gay” que Alexandre conseguiu contar para seus pais a sua condição e se reconhecer como gay. Como Alexandre só se reconheceu como sujeito gay depois de ter contato com outros sujeitos de mesma orientação sexual enquanto cursava o curso de jornalismo no estado de São Paulo, ele conta que teve muito medo do que as pessoas pensariam sobre ele ao saberem que era gay. Isso foi algo que lhe causou receios por entender que poderia ser prejudicado em entrevistas de emprego, por exemplo. A preocupação de sofrer preconceito dentro do ambiente de trabalho é reflexo do bullying sofrido no período de escola, que contribuiu para Alexandre entender que algo estava errado nele para sofrer as retaliações. Seu comportamento é mais comum do que se imagina.

Segundo ele, nunca aconteceu censura advinda da instituição em que trabalha, mas a autocensura em alguns comentários, trejeitos⁸ e ações é o que o sujeito realiza durante seu expediente. Ele diz que o ambiente de trabalho é que indica até onde se pode ir, no sentido da postura do sujeito gay em um meio social. Aqui cabe explicar que se fala do que é, por assim dizer, esperado do comportamento do trabalhador independente de sua orientação sexual, implicando-se num comportamento padrão

⁷ Segundo Meyer e Petry (2011), a heteronormatividade tensiona a regulamentação dos modos de ser e vivenciar a sexualidade e os desejos corporais. Existem, de acordo com o que é concebido pela sociedade, apenas duas formas de movimento das pessoas conforme à anatomia sexual humana, isto é, feminino/fêmea ou masculino/macho. Esta é uma visão biologicista e determinista.

⁸ Consideram-se trejeitos os gestos e atitudes característicos do feminino na tradição cultural e que podem indicar probabilidade de orientação sexual à sociedade.

esperado. Como só desempenhou atividades em órgão público e em uma revista de segmento em agronegócio, ele acredita que, se o cenário fosse outro, teria uma liberdade para ter trejeitos, falas e comentários, considerados como “pinta” de quem é gay. Tal fala nos revela e confirma uma questão bastante séria, quase sempre presente na cultura de enfrentamento dos gays em relação ao social: a falta que sentem da liberdade de comportamento e naturalidade. Tal condição ainda causa a muitos sujeitos um enorme sofrimento.

Jornalista de formação, com atuação na área de comunicação e marketing, Guilherme (24) é o terceiro sujeito do universo empírico de nossa pesquisa no primeiro grupo de amostra. A aceitação da sexualidade dele ocorreu num contexto familiar evangélico, cristão e conservador, por isso, sucedeu-se gradualmente. O processo se deu ao compreender que a sexualidade é apenas uma particularidade de cada pessoa, e não sua identidade como um todo, observando que seu irmão, que teve mesma base educacional e familiar, se reconhece heterossexual. Parece ficar claro na fala do entrevistado que ele aprendeu a reconhecer que sua condição não era um problema decorrente de sua formação como pessoa e nem uma falha estrutural de caráter ou algo assim.

Desde a escolha da profissão, Guilherme encontrou em casa comentários que são reflexos da construção social que temos, onde alguns assuntos ainda não são debatidos ou não eram até então. Ao decidir cursar jornalismo, ele escutou do seu avô que esta não era uma profissão que o edificava como homem e “é basicamente fazer fofoca e isso é coisa de mulher”, mas, que estava tudo bem por que ele é gay. A percepção que se tem nesse comentário é de que ser gay é como querer ser mulher, sem percepções sobre gênero e orientação sexual. A orientação sexual independe do gênero do sujeito, sendo assim, possuir atração por um sujeito do mesmo sexo não indica que não há reconhecimento no gênero que a pessoa expressa.

Na estrutura social heteronormativa, temos que existem apenas os binarismos homem/mulher, macho/fêmea e a relação se dá apenas com o diferente. Nesta visão, um homem, ao ter desejos românticos ou sexuais com outro homem, pode estar “querendo ser mulher”, pois nesta perspectiva binária dicotômica só se pode sentir atração pelo diferente, “oposto”.

Já na sua experiência profissional, logo no primeiro estágio, Guilherme já percebeu um tratamento diferente, que tratou com normalidade sem questionar. Junto

dele trabalhava uma estagiária e o chefe dos dois demonstrava muito mais interesse nas coisas que ela produzia do que nas pautas executadas por ele.

O ambiente de trabalho encontrado em um dos seus empregos construiu a perspectiva que Guilherme tem. Com parte da equipe executiva sendo declaradamente homossexual, ele se sentia mais confortável para falar abertamente sobre sua sexualidade e se posicionar como sujeito gay. As perspectivas de crescimento profissional aumentaram para ele nessa empresa, pois havia identificação, representatividade e debates sobre diversidade no grupo.

O quarto participante deste recorte, tomamos como sendo Antônio (31), jornalista no setor automotivo há 10 anos. Desde o início de sua graduação em Jornalismo, já foi direcionando suas atividades para o setor que pretendia trabalhar: o automotivo. O gosto por um setor predominantemente masculino na tradição da cultura social e do trabalho não lhe pareceu, na entrevista, que tivesse qualquer maior significado.

Para ele, a sexualidade nunca foi questionada porque desde cedo já se entendeu como gay. Sem dificuldades para tratar sobre o assunto em sua casa com a família, ele não achava necessário assumir sua sexualidade para seus pais, pois já tinha o entendimento que era normal e não tinha problemas. O ambiente familiar aberto ao diálogo sobre sexualidade proporcionou segurança para ele transitar noutros ambientes. Na escola, passou por situações de bullying, mas, entendia que não tinha nada de errado com ele, mas sim com os agressores. Talvez experiências assim possam indicar que quando estruturados em seus lares, sob suas orientações, os sujeitos passem a sofrer menos em outros ambientes na vida adulta. É uma hipótese a ser analisada. Vejamos mais a respeito no próximo capítulo.

Os colegas de trabalho de Antônio também já falaram comentários desnecessários como, por exemplo, perguntar para ele sobre a sexualidade de outro colega. No momento, tomar posição foi a atitude dele, que logo disse que aquilo não era legal, muito menos engraçado. Quando questionado sobre censura, o jornalista disse que nunca presenciou alguma atitude desse tipo, nem comentários sobre a sua orientação sexual. O depoimento de Antônio parece diferenciar-se ligeiramente dos anteriores, uma vez que demonstra ter enfrentado menos dificuldades e relatar que soube aparentemente lidar com a experiência familiar e social de sua sexualidade. Podendo ser percebido que estar seguro de si e ter construído em si mesmo

percepções e seguranças sobre sua orientação sexual colaboraram para melhor experiência social. Este aspecto abre discussões para o próximo capítulo, assim como conclusões dos outros depoentes.

O último sujeito deste primeiro bloco da coleta da amostra, denominamos Francisco (33), um assessor de comunicação com experiência em jornalismo impresso. Por não ter muita informação sobre sexualidade e a existência de orientações sexuais diferentes da heterossexual, durante a infância e a adolescência, Francisco pensa que ele demorou entender sua sexualidade. Não se ver representado em veículos midiáticos fez com que o sujeito tivesse seu processo mais gradual, por sempre ver apenas a representação da heterossexualidade. A representatividade, nesse sentido, seria importante para o sujeito compreender a existência da diversidade, neste caso, sexual.

No mercado de trabalho, Francisco nunca se preocupou com a sua sexualidade. Ter muito claro que a orientação sexual é apenas uma característica, e não a identidade totalizadora de um sujeito colaborou para que entendesse que esse era um dos menores dos tópicos que deveriam ser levados em conta no seu ambiente de trabalho. Para ele, como a sua orientação sexual não interfere na sua produção como profissional e nos seus conhecimentos e atividades desempenhadas, ela também não deve ser considerada para uma oportunidade ou resistência de emprego, por exemplo. Isto é, a sexualidade sendo considerada apenas característica que constrói o sujeito, mas não o resume nem o determina a apenas isso.

Atuando desde 2006 no mercado de trabalho, ele conta que no início da carreira era pouco o debate sobre sexualidade e diversidade, o que acarretou passar algumas situações despercebidas e sem tomar nenhum posicionamento. No seu primeiro emprego, o chefe, ao conversar, sempre alterava o descanso de tela do computador para uma mulher nua, situação que hoje ele já compreende como proposital para causar algum tipo de constrangimento. O jornalista também relaciona o fato com a falta de informação e tratamento que a homofobia levava na época, sendo pouca na sua visão. Essa projeção de que antes esse tipo de violência não era evidenciada, mostra que ao longo dos tempos, os debates e as pautas mudam e progridem.

Após a apresentação dos cinco entrevistados e as descrições das características que julgamos essenciais dos seus dizeres na proposta desta pesquisa, passamos à realização do cruzamento entre as informações dos cinco depoentes,

como parte da reflexão e análise sobre a realidade empírica, convergindo a prática social com fundamentos de teoria.

No recorte acima descrito, nenhum dos sujeitos sofreu homofobia direta em seus ambientes de trabalho, partindo da instituição ou dos colegas. Entretanto, todos colocaram que existem comentários de cunho machista e homofóbico no contexto dos seus trabalhos. Rodrigo, Alexandre e Antônio enfatizaram que tomam posição contrária ao escutar alguns dizeres, seja de colegas ou especificamente do seu chefe, como no caso de Rodrigo.

Como todos os entrevistados são autodeclarados gays, seus colegas e suas instituições empregatícias têm conhecimento das suas orientações sexuais, mesmo que isso pareça não ter sido relevante. Observando essa característica, se posicionar como sujeito gay é importante para o debate. Um dos entrevistados colocou durante seu depoimento que “uma coisa que eu noto é que se você está ‘fora do armário’ você será respeitado”. Por que isso talvez aconteça é uma discussão que devemos aprofundar.

O processo de construção da identidade sexual e seu reconhecimento tem forte marca na família, já que é primeiro contato com a estrutura social que o sujeito tem. Muito do que expressamos como sujeito está ligado às coisas que ouvimos, conversamos ou, simplesmente, são tratadas como normais dentro do lar. Todos os entrevistados tiveram a aceitação da família tranquila, uns tendo o processo mais gradual, mas, na realização da pesquisa, nenhum deles demonstrou que tivesse tido problemas na relação da família com a sexualidade deles. A importância do convívio com a família e a abertura para diálogos sobre assuntos como sexualidade são evidenciadas por Rodrigo por lembrar a reação de sua família ao saber da sua orientação sexual “eu tive o privilégio de ser aceito” e, de Antônio ao pensar que assumir a sua sexualidade perante sua família nunca foi um problema “a gente nunca teve nenhuma dificuldade em falar sobre isso”. Para Francisco, a reação inicial foi conturbada, mas, posteriormente a família foi se adaptando e possibilitando a ele ter liberdade de se expressar como é.

O contexto familiar apresentado também deve ser levado em consideração. Para Guilherme, o cenário era evangélico, cristão e conservador e contribuiu para que ele tivesse seu processo de aceitação de forma mais gradual, mas sempre com questionamentos como os de Alexandre que “sabia o que estava sentindo, mas nunca

soube direito se era um caminho certo”. É observado que o caminho que foge da heteronormatividade é compreendido como errado e desviante. Isso se evidencia nas falas de Guilherme, “foi muita conversa comigo mesmo para entender o que estava na minha cabeça o porquê eu era diferente do meu irmão e da maioria dos meus amigos”. Este aspecto vai ser mais profundamente analisado no capítulo 4.

Logo, o cenário em que o indivíduo está inserido vai criando barreiras no imaginário social de que ser gay é errado ou não, dependendo de quais são os discursos presentes dentro do contexto familiar que são levados como verdade absoluta. Abrindo questionamentos sobre como irá encontrar o mercado de trabalho, por exemplo. Alexandre, por não ter conhecimento sobre a área de atuação ainda na universidade, chegou a pensar que a sexualidade era uma coisa que ninguém deveria ficar sabendo para se garantir em uma vaga de emprego. Enquanto para os outros entrevistados, a sexualidade não fazia relação direta com o exercício do jornalismo, pois, tinham isso muito seguro já consigo. Como Rodrigo coloca a segurança dada pela família, ele traz como reflexo essa confiança que a sexualidade é uma característica, mas não um fator determinante.

O posicionamento que o sujeito tem dentro do ambiente de trabalho é um dos fatores que move a pesquisa. Ao observar as informações que os entrevistados concederam, notamos que há certo policiamento sobre o que pode ou não se fazer ou expressar dentro do ambiente de trabalho, no sentido relacionado à sexualidade.

No caso de “acho que você tem que ter uma postura no ambiente de trabalho [...] o seu ambiente de trabalho pode indicar até onde você pode ir. [...] até onde você pode chegar, dependendo do lugar que você trabalha. Não tô dizendo, mas se eu sentisse uma liberdade para brincar mais, ter trejeitos, se soltar mais como ‘viado’, ok”. A pertinente reflexão sobre poder ou não se expressar abertamente já é um ato de autocensura. O sujeito já necessita perceber características do ambiente para ser ele mesmo em totalidade e quando não encontra um ambiente nessas condições, mantém suas atitudes mais cautelosas e retraídas, evitando trejeitos.

O segundo grupo da amostra reuniu cinco estudantes de Jornalismo que se autodeclararam gays e que aceitaram participar da pesquisa. Para esse trecho, os sujeitos foram contatados da mesma forma que os anteriores, através de contato por rede social. O segundo grupo contou com cinco entrevistas de jornalistas gays ainda em formação acadêmica de idade entre 18 e 22 anos, que aceitaram contar sobre

suas percepções em relação ao jornalismo e suas orientações sexuais.

No processo de análise das entrevistas, observou-se que três entrevistas foram desconsideradas nessa parte da pesquisa. O sujeito 1, jornalista gay recém formado, não está contemplado em nenhuma das nossas categorias, pois ainda não exerce a função no mercado de trabalho e não frequenta, como graduando, o meio acadêmico. Os sujeitos 2 e 3 foram retirados do estudo por não se identificarem com a homossexualidade e se autodeclararem como bissexuais, não atendendo aos perfis coletados pela pesquisa. Esses sujeitos podem ser considerados para estudos futuros, para além desta pesquisa, mas não no horizonte do estudo atual.

Alteramos os nomes dos sujeitos na elaboração textual desta investigação assegurando o anonimato dos sujeitos. O quadro da amostra final, neste segundo grupo, poderia ser, então, assim representado:

Quadro 2
Nome e período da formação acadêmica

Nome	Período	Duração da Entrevista
Jorge	5º semestre	21m42s
Lucas	3º semestre	13m59s
Mateus	5º semestre	12m39s
Tiago	8º semestre	22m51s
Fábio	8º semestre	14m07s
		Total: 1h25m30s

Fonte: OLIVEIRA, Crystian. Estudo Monográfico. UNIPAMPA (2020).

O primeiro depoente deste segundo recorte será tratado no texto como Jorge (20). O processo de se entender e reconhecer como gay só começou depois de ser “retirado do armário”, expressão comumente usada para se referir a sujeitos ainda não assumidos, ou seja, que estão “dentro do armário”. Em uma reunião de família, a sua avó se referiu a ele como gay num diálogo com sua mãe. Nessa situação, Jorge se sentiu paralisado pela reação tranquila que a avó teve. A relação de Jorge com a sua orientação sexual só entrou em conflito quando vivenciou na escola episódios de

bullying e homofobia. Após ser defendido por um colega durante uma das falas homofóbicas, ele começou a perceber que o cenário poderia ser outro se tomasse posição, “só vão fazer comigo o que eu permitir”. A necessidade de se posicionar perante atitudes violentas e comentários homofóbicos se tornou cada vez mais constante na conduta do sujeito.

Se perceber como uma pessoa afeminada desde a infância, despertou em Jorge a necessidade de desvincular da sua conduta a imagem estereotipada que tinha sobre sujeitos gays. Criado em berço religioso, buscou na igreja e na vivência cristã a possibilidade de desassociação da sua sexualidade com a sua expressão, tentando se passar por heterossexual. Na sua percepção, seu engajamento com as causas da igreja não só fizeram o assunto não vir à tona, como colaborou para imaginarem que ele seria padre. Neste sentido, não se pode perceber se é uma maneira de descartar a sexualidade do sujeito, tendo em vista que os padres não desfrutam da sua sexualidade ou se é por observação às atividades desenvolvidas no movimento cristão.

A preocupação em ser reconhecido como heterossexual surge para o sujeito no convívio social onde escutava que ser gay era errado, abominação e pecado. Mesmo antes de se entender como gay, entendia que era impróprio e não gostaria de ser. A solução para este receio era se moldando pelas atitudes consideradas masculinas dentro da nossa sociedade, vivenciando a heteronormatividade e as normas sociais de gênero. Trazer o tom de voz mais grave, não gesticular ao falar ou expressar emoções são exemplos de atitudes consideradas masculinas dentro da sociedade e que, muitas vezes, acaba sendo parâmetro para considerar um sujeito homossexual ou não, a partir desses estereótipos.

Além da autocensura que o sujeito realizava, elementos externos colaboraram para a continuidade desse processo de restrição. Para ele, por causa da estrutura preconceituosa presente em nossa sociedade, os pais acabam ensinando além da educação e diretrizes de conduta. Observando o cenário, eles moldam o sujeito para o convívio social, apresentando universos que não são representativos ao sujeito, seguindo apenas as normativas menos excludentes da sociedade.

O futuro na carreira do jornalismo já está sendo projetado. Restando três semestres para a conclusão do curso, Jorge já reflete sobre o que espera encontrar no mercado de trabalho. Vendo o desenvolvimento constante e crescente das redes

sociais, pensa em elaborar conteúdos e garantir a monetização através das plataformas. Essa alternativa surge na percepção que a estrutura do jornalismo censura, mas consegue observar que existe mais participação da comunidade LGBTQI+ no jornalismo em comparação a tempos passados.

Além dessa compreensão, o sujeito possui medo de ser reconhecido única e exclusivamente como jornalista gay, sendo direcionado só para produção de pautas LGBTQIA+. Para ele, as oportunidades de fala dentro da profissão devem ser usadas para aos poucos transformarem a realidade. Em sua percepção, o jornalismo conta histórias e a partir disso, muda realidades de pessoas iguais a ele.

No segundo depoimento deste recorte da pesquisa, coletamos informações sobre quais são as expectativas quanto à relação da orientação sexual com o exercício do jornalismo e soubemos que o sujeito nunca teve reflexões sobre o assunto, mas que ele acredita que seja por outros fatores que não o categorizam como minoria política, considerando que ele é homem, branco, cisgênero e classe média. Por isso, torna-se importante a reflexão sobre as interseccionalidades, onde conseguimos perceber mais detalhadamente as vivências de quem se encontra em mais categorias de subalternidade.

Lucas (22) passou pela experiência heterossexual ao se relacionar com uma menina na sua adolescência, mas essa vivência só trouxe para ele mais discernimento sobre a sua orientação sexual homossexual. Esse episódio acontece muito nesse processo de aceitação e reconhecimento da sexualidade, segundo a literatura clássica no assunto, tanto em Psicologia quanto em Sociologia do Comportamento. Nesta pesquisa, não vamos nos deter sobre essa relação nem as suas causas, mas é importante destacar que as vivências e experiências sexuais estão em constante reformulação e reflexão, ao longo da história, não sendo resultados fixos, mas pontos do caminho trilhado.

O segundo depoente ainda conta que sofreu preconceito dentro de casa, por familiares e na rua. Em um dos episódios, ele foi xingado em via pública por estar de mãos dadas com o namorado. De tantas pressões familiares, por conta da sua homossexualidade, Lucas diz que resignificou os xingamentos, tornando-os parte da sua construção, como sujeito. Os significados, para ele, tiveram outras recepções e isso colaborou com a “virada de jogo”. ‘Bixinha’, ‘viadinho’, entre outros, não são mais xingamentos pejorativos, mas o que ele afirma ser, hoje sem dificuldade.

O nosso terceiro depoente é estudante do quinto semestre de jornalismo e aqui chamamos pelo pseudônimo de Mateus (19). Ao ser questionado como se dá a relação da sua orientação sexual com a sua formação, Mateus diz que são duas coisas que estão diretamente ligadas à sua construção como sujeito.

O conflito interno a respeito da sua orientação sexual começou aos 15 anos e observa que há 4 anos se permitia menos, por isso, não era tão afeminado quanto é hoje.

Ao refletir sobre as vivências e pensamentos que carregava na época de seu autoconhecimento como homossexual, Mateus diz que tinha mais pensamentos machistas e falou sobre o processo de (des)construção desses pensamentos. Ao se visitar o passado, podemos observar sobre ele não se permitir em questão a expressão da sua masculinidade afeminada tem relação com os pensamentos que mantinha na época.

Ao projetar seu futuro no exercício do jornalismo, o sujeito observa que o preconceito faz parte da cultura e não tem como ser desligado de alguma forma, por isso o cenário do jornalismo também tem reflexos desses preconceitos. Para ele, é mais difícil ver-se na carreira do telejornalismo, em especial, justamente por causa da sua aparência estar em evidência, seus trejeitos e vestimentas consideradas femininos.

Outra dificuldade que o depoente relata é sobre não haver muitas referências de jornalistas gays no exercício da profissão, ou que estejam em evidência, e quando isso acontece, são vistos por ele como heteronormativos. O que fica claro sobre esse tensionamento de ver jornalistas gays e ainda serem heteronormativos é sobre a conceituação desses termos. Segundo Miskolci (2014), a heteronormatividade molda as relações, inclusive entre pessoas de mesmo sexo, ou seja, se refere às normas sociais. Isso não determina a heterossexualidade, mas as suas desinências em relações interpessoais. Não estamos nos detendo aqui neste capítulo de referências teóricas exatamente por ser um capítulo de descrição empírica, mas essa relação nos pareceu necessária.

Criado por uma família religiosa, Tiago (21) é o nosso quarto entrevistado do segundo bloco. No contexto familiar, enfrentou duas vezes o processo de se assumir para a família, sendo a primeira um questionamento por parte da família, que não recebeu resposta positiva, já na segunda vez falou abertamente sobre, mas não

obteve resposta positiva, sendo até hoje um assunto que “eles negam até para eles mesmos que essa seja a minha orientação sexual”, como diz o entrevistado.

Como o sujeito tem vivência entrelaçada com a religiosidade, foi durante uma experiência que escutou de um padre que não havia nada de errado com ele por ser gay e como a religião tem grande influência em sua jornada, esse foi o momento em que começou seu processo de aceitação.

As reflexões sobre a sua orientação sexual foram constantes, indo ao encontro do depoente anterior que conta que vivenciou relacionamento heterossexual, Tiago também diz ter tido *affairs* com meninas. A pressão da norma sobre os sujeitos acarreta em uma heterossexualidade compulsória.

Diferente dos outros entrevistados, o quarto entrevistado não se sente bem ao falar sobre a sua sexualidade abertamente. Essa é uma questão que não deveria ser algo diferencial, no sentido de exclusividade, mas em contrapartida, não precisava ser um problema falar sobre a sua sexualidade. Desta forma, Tiago acredita que o processo de se aceitar ainda está acontecendo, e enfatiza refletindo sobre seu processo que “preciso me orgulhar de quem eu sou, se as pessoas se orgulham, porque eu não vou me orgulhar? Eu sou assim, eu vim ao mundo assim e *tá* tudo bem”.

Quando reflete sobre o exercício da profissão, o sujeito diz que tem medo dos ambientes que vai enfrentar no mercado de trabalho e compara com o ambiente virtual das redes sociais, que é um local que ao se expor, de qualquer forma, irá receber algum discurso de ódio nos comentários ou mensagens. O medo dentro dos locais novos é de não ser respeitado, de ser vítima de algo mais “grave” ou de fazerem piada com a sua voz, por isso, se porta de maneira mais reservada em ambientes novos.

O último depoimento deste bloco é o de Fábio (21), jornalista em formação, no oitavo (e último) período do curso. Não precisando falar para sua família sobre a sua sexualidade, o depoimento de Fábio vai ao encontro do que Jorge fala sobre seu processo junto à família. Os dois não precisaram falar abertamente sobre a sua orientação sexual.

Quando questionado sobre o jornalismo e a relação com a orientação sexual, o depoente fala que mudou suas perspectivas iniciais com a carreira profissional. Ao ingressar na universidade, queria trabalhar com televisão, mas imagina que, por ser “muito padronizada, é uma coisa heteronormativa” e, principalmente, por não ter representatividade da diversidade sexual dentro do telejornalismo.

Ao pensar sobre o que considera aceitável dentro do jornalismo de televisão, Fábio coloca que não se encaixa no padrão, por gesticular demais e demonstrar ser afeminado. Desta forma, ele faz a mesma observação que Mateus sobre a representatividade na televisão e os locais que gays assumem frente ao jornalismo: apresentando programas de fofoca, sem assuntos “mais sérios”. Desta forma, isso perpetua uma imagem do gay dentro da mídia.

Os depoimentos apresentados neste segundo trecho mostraram as perspectivas que os jornalistas em formação e futuros jornalistas em exercício têm com o mercado de trabalho se tratando da sua orientação sexual e a relação dela com o ambiente profissional. Em sua maior parte, os relatos mostram o processo de educação familiar que receberam, no sentido de justificar o porquê tinham medo ou apenas receio de estar sentindo algo que fosse “errado”. Jorge e Tiago cresceram em ambientes religiosos, o que facilitaria a reprodução de discursos que trouxessem os preconceitos carregados, exercendo sua função de limitar as vivências alheias. Daí resulta que a cultura condiciona nossas percepções de mundo e nos estabiliza para determinados comportamentos sociais. Nesse sentido, é que parece razoavelmente libertador se pensar na possibilidade existencial de uma relação do sujeito com o mundo com o menor número de amarras e condicionamentos possível, se não pelo efeito de liberdade que isso certamente proporciona também pelo que essa liberdade deve representar em termos de dignidade humana.

5 A QUEM NOS REFERIMOS: ÀS VIVÊNCIAS REFLETIDAS

Neste capítulo buscamos relacionar nosso aporte teórico com nossos depoimentos apresentados no item anterior. Para alcançar os objetivos da pesquisa, foi necessário reunir dois blocos de entrevistas que colocassem em discussão as questões de orientação sexual homossexual (no nosso caso, gay) e a prática do jornalismo.

Neste ponto é importante destacar que, no nosso universo empírico, os sujeitos (re)visitaram seus passados através do discurso, sendo assim, toda e qualquer fala sobre acontecimentos vividos (ou não) são releituras do passado a partir dos “olhos” do presente. Como é explicado por Bertaux (1997) sobre os relatos de vida.

Para melhor desenvolver as considerações do trabalho, separamos, conforme o capítulo anterior, em dois blocos de entrevistas. O primeiro a ser refletido sobre como se dão performatividades dos sujeitos jornalistas gays é o bloco de profissionais em exercício.

Seguindo o que apresentamos como “sentido dualístico” que Orlandi (2015) nos fala, na estrutura da sociedade vivemos embasados em ter ou não ter, existir ou não. Trazendo para os discursos apresentados pelos depoentes do primeiro bloco, temos a cobrança que o sujeito tem por ser “diferente” da norma, ou seja, uma autocrítica por não fechar uma “lacuna” que ficou aberta. Essa brecha é destacada no discurso dos entrevistados, como Guilherme que diz que “foi muita conversa comigo mesmo para entender o que estava na minha cabeça, o porquê eu era diferente do meu irmão e da maioria dos meus amigos”, ou seja, existia uma cobrança para preencher certa “falta”.

Desta forma, ao se autocensurar dentro do exercício do jornalismo, seja em trejeitos ou em pautas, o sujeito absorve a informação de que é necessário seguir à norma e completar a expectativa social que habita a sociedade, neste caso, a heterossexualidade regulada pela heteronormatividade (BUTLER, 2003). E conforme Traquina (2005) fala sobre os constrangimentos dentro do ambiente de trabalho, seguindo a lógica da Teoria Organizacional, os sujeitos escondem seus trejeitos para evitar sanções futuras dentro da instituição.

Relacionar as sanções vividas pelos jornalistas neste trabalho nos fala muito mais sobre a autocensura do que a censura advinda da instituição de trabalho. De

forma alguma, essa situação exclui as diversas formas de preconceitos e violências existentes dentro de qualquer instituição, especialmente, no mercado de trabalho do jornalismo, mas nossos entrevistados deste bloco não passaram por situações de violência e censura diretas.

Vale lembrar que nosso recorte não elegeu outras características sociais de diferença como raça, etnia, classe social, pessoas com deficiência, etc. e isso faz com que nossa descrição possa servir de caminho para novas constatações dentro do exercício do jornalismo e dos estudos de gênero e sexualidade.

É neste sentido que destacamos a autocensura dos sujeitos ao terem que pesar suas atitudes dentro do ambiente de trabalho, realizando uma vigia, como colocado por um dos depoentes “acho que você tem que ter uma postura no ambiente de trabalho [...] o seu ambiente de trabalho pode indicar até onde você pode ir. [...] até onde você pode chegar, dependendo do lugar que você trabalha. Não tô dizendo, mas se eu sentisse uma liberdade para brincar mais, ter trejeitos, se soltar mais como ‘viado’, ok”. Realizar essa vigia constante nos remete ao medo das sanções que podem acontecer dentro do ambiente de trabalho por colegas ou por pessoas que ocupam cargos de chefia. É o que Breed (1993) fala sobre as diversas formas de sanções e punições dentro do jornalismo.

Os depoentes apresentaram considerações sobre as suas relações familiares e a questão de ser gay. As amarras sociais, advindas dos ambientes familiares, religiosos e convívios sociais são fortemente marcadas em todos os discursos apresentados pelos cinco entrevistados deste bloco.

Ao lembrar sobre o processo de aceitação todos remetem à participação da família, em maior ou menor grau. Desde o princípio dos estudos da Teoria Queer, já se debatia as ideologias passadas de geração em geração através das instituições sociais, como a família. Neste sentido, podemos considerar que a aceitação no ambiente familiar para o sujeito gay demonstra um caminho trilhado com uma quebra (crescente) das bases preconceituosas que vinham dos discursos dessa instituição.

Vale lembrar que ao se inserir dentro do contexto da história, nossos sujeitos da pesquisa, tomam uma intenção final aos seus discursos (CARVALHO, 2016). Ou seja, podemos considerar que, de certa forma, ao datar a idade qual aconteceu o processo de aceitação, os sujeitos buscam a credibilidade. Como por exemplo, Antônio que disse “eu me entendi muito cedo, com 11 anos de idade e nunca tive

nenhuma dúvida disso” ou quando Guilherme cita que “todo o processo de me aceitar e entender começou ali por volta dos 14 e 15 anos”.

Consideramos também que ao levar em conta a sexualidade como algo que precisa ser dito ou assumido (quando não for heterossexual), remetemos ao que nos diz Miskolci (2014) sobre a sexualidade humana ser um dos eixos principais da sociedade e que articulam as ferramentas das hegemonias. Neste caso, a sexualidade dos depoentes não era uma característica que necessitava ser “explanada” para todas as pessoas, mas, neste sentido, apenas por projetar como uma característica diferente já se maneja ela da mesma forma que a considera.

No segundo bloco de entrevistas temos os jornalistas gays em formação. É importante salientar que a participação deste recorte é fundamental para considerar de que forma o jornalista projeta o exercício da profissão antes mesmo de atuar como tal.

Desta forma, nessa reflexão daremos atenção aos processos de construção destes condicionamentos da expressão sexual. O primeiro fator é de a sexualidade não ser algo que deveria entrar em questão para o sujeito conforme o relato de Jorge, pois veio de uma família ativa nas atividades religiosas. Desta forma, podemos pensar que a igreja é uma das bases político-culturais que corrobora para o domínio do discurso hegemônico da heterossexualidade (MISKOLCI, 2014), por que não se abre a possibilidade de debates sobre a questão.

Pela presença da norma regulatória de vivências, a heteronormatividade (BUTLER, 2003) agiu de forma a colocar o depoente Lucas em um relacionamento heterossexual, mesmo hoje se identificando como gay, isso por que a sexualidade passa por pontos trilhados sem serem fixos, como nos fala a Teoria Queer, já apresentada nesta pesquisa.

Já que neste trabalho consideramos a linha de pensamento pós-estruturalista é possível fazer considerações sobre o que o depoente Mateus considera sobre a orientação sexual. Para ele a relação entre a orientação sexual e a sua formação são características interligadas, ou seja, também consideramos assim nesta pesquisa, ora por que as experiências constituem os sujeitos e mais, são inúmeras as relações que participam desta formação, como classe, gênero, sexualidade, raça, etnia, etc.

Destacamos a criação no imaginário de um padrão de jornalista a ser seguido. Esse mesmo padrão é considerado em dois dos depoimentos, Mateus fala que é difícil

se ver na carreira de jornalista na televisão e Fábio coloca que a presença de jornalistas gays na TV é “muito padronizada, é uma coisa heteronormativa”.

Como diz Louro (2018), os estigmas que vêm dos mecanismos de regulação da sociedade precisam da repetição para se consolidarem dentro dos ambientes e situações. Ou seja, o padrão de jornalistas homens dentro da profissão que os sujeitos dizem existir vem de uma série de características que se repetem ao ponto de se construir uma norma social, neste caso, uma performatividade de um jornalista homem.

A noção sobre essas características sobre a performatividade de um jornalista vai de encontro ao que se considera performatizar como jornalista gay. Neste caso, as falas de Mateus e Fábio sobre o “local” que o jornalista gay assume como profissional, muitas vezes, em programas de fofoca, e sem assuntos “mais sérios” nos coloca à frente da cultura que a mídia faz parte e colabora na construção.

Assim sendo, pensar que o sujeito gay “só” pode assumir cargos em veículos entendidos como instituições de fofoca faz parte de uma representação que por anos foi utilizada pela mídia para mostrar as vidas de sujeitos gays. Como Colling (2007) nos diz, a televisão apresentou na mídia três formas de representação do gay, entre elas, o afeminado que é posto em jogo quando pensamos no jornalista em atuação.

Esta consideração nos faz refletir que o jornalista ainda em formação percebe a cultura e a sua interferência dentro do ambiente de trabalho que o aguarda ao sair da universidade. No seu imaginário, o ambiente é um reflexo da sociedade e se agrega um poder a mais na instituição pela hierarquia que o vínculo empregatício tem, no sentido de depender da remuneração pela situação de sujeito consumidor.

A crescente representatividade nos meios de comunicação e mídia como um todo para as diferentes formas de ser e existir são pautadas na fala do entrevistado Jorge. Para ele, pensar o exercício do jornalismo não é mais difícil pela maior participação da Comunidade LGBTQIA+ no jornalismo do que em tempos passados. Isso não se dá só no jornalismo, neste ano a Nickelodeon lançou uma animação com um casal gay em ‘The Loud House’. É um avanço para as diversas representações e representatividades.

Neste sentido, através deste apanhado de reflexões, buscamos fazer nossas considerações sobre as relações que os sujeitos da pesquisa têm com a sua sexualidade e o exercício do jornalismo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos nossos sujeitos em dois blocos, nós conseguimos observar nossos objetivos sendo alcançados mais claramente, pois são vivências diferentes que constroem sujeitos também diferentes.

Entendemos, a partir desta pesquisa, em qual cenário o jornalista gay está inserido e como se dão as diversas formas de regulamentos e censuras no exercício da profissão para o profissional. É neste sentido que podemos considerar nosso objetivo geral de compreender de que forma se dá a relação dos jornalistas gays com a sua sexualidade e o exercício do jornalismo como alcançado nesta pesquisa.

Foi possível considerar que dentro do jornalismo, mesmo antes de exercer a profissão, o sujeito já cria no imaginário social as sanções e punições que sofrerá dentro do ambiente de trabalho, isto por que o mundo do trabalho e da formação que antecede a ele refletem o imaginário social e reforçam as muitas sanções regulatórias sobre quem está fora da linha heteronormativa.

Já os profissionais que estão no exercício da profissão e já possuem experiência com o mercado de trabalho, no nosso recorte, não sofreram da mesma forma as discriminações que os sujeitos do segundo bloco compreendem como passíveis de acontecer porque reconhecem essa determinação sociocultural heteronormativa. Há uma autocensura vinda do jornalista por não se sentir livre para se expressar dentro do ambiente de trabalho, via ensinamentos trazidos da família, da escola e das relações sociais que vai construindo ao longo da vida.

Contudo, em nossa compreensão, através das tensões entre o aporte teórico e o material empírico de entrevistas, o ambiente de trabalho do jornalismo se revelou aberto a receber novas realidades, pelo que avaliamos devido ao avanço da representatividade dentro da área, e por uma maior normatividade que parece nele constituída sem deixar de reconhecer o quanto esse mesmo sujeito também é uma ferramenta que colabora nesta nova construção de sentidos.

Aqui, peço licença pelo uso da palavra como pesquisador que se alinha pessoalmente com a pesquisa, para dizer que me sinto orgulhoso de fazer parte de uma pequena mudança na nossa sociedade. Orgulho em ser quem sou.

REFERÊNCIAS

- BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida** – perspectiva etnosociológica. Trad. Godofredo González. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2005.
- BREED, Warren. “Controlo social na redação. Uma análise funcional”. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. 2ª edição. Lisboa: Vega, 1999, p. 91-100
- BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras**. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icària editorial, 2002, p. 55 a 81.
- CARVALHO, Aline. Relações teórico-metodológicas entre AD e a Narrativa de Vida. In: MACHADO, Ida Lucia; Melo, Mônica Santos de Souza (org.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas da visão da análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2016. p. 21-42
- CASALI, Jessica Pereira; GONÇALVES, Josiane Peres. **Pós-estruturalismo: algumas considerações sobre esse movimento do pensamento**. Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, vol. 10, n. 2, 2018.
- COLLING, L.; **Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados**. Revista Gênero, v. 8, n. 1, p. 207, 2007.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal**. São Paulo, Summus Editorial, 1986.
- FOUCAULT, Michel: **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GUIDDENS, Anthony. **Estruturalismo, pós-estruturalismo e a produção de cultura**. [S.l. s.n.].
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LEÓN, Adriano de. **As artes da tirania: sexo, Foucault e a teoria queer**. Revista Ártemis, vol. 10, 2009.
- LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- MAZZARO, Daniel. Perceber-se gay: uma análise de performatividades de (homo)sexualidades em relatos de vida. In: MACHADO, Ida Lucia; Melo, Mônica Santos de Souza (org.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas da visão da análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2016. p. 43-70
- MISKOLCI, Richard. **A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da**

normalização. Porto Alegre: Sociologias, nº 21, 2009.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria queer. **Florestan**, nº 2, 2014. Disponível em: <<http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/62>>. Acesso em: 12 de jan. 2020

MOREIRA, Caio César Xavier; MACIEL, Denise; MATTOS, Fabricio. Do Estereótipo ao Social: As fases da Representação Homossexual nas Telenovelas da Rede Globo. Manaus, **Intercom**, 2015. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/R44-0969-1.pdf>>. Acesso em: 13/07/2021.

ORLANDI, Eni, P. **O sujeito discursivo contemporâneo**. [S.l. s.n.].

_____, E. P. Linguagem e educação social: a relação sujeito, indivíduo e pessoa. **RUA**, Campinas, SP, v. 21, n. 2, p. 187–206, 2015. DOI: 10.20396/rua.v21i2.8642454. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8642454>. Acesso em: 17 ago. 2021.

PACCOLA, Carina. O papel dos jornalistas e a democracia. UNOPAR, **núcleos de pesquisa Intercom**, nc. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/60400664661852641982750161524254583930.pdf>>. Acesso em: 05/06/2021.

PELÚCIO, Larissa. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. **Florestan**, nº 2, 2014. Disponível em: <<http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/63>>. Acesso em: 8 de nov. 2020

PORTO, José Ilton L. 'Põe a cara no sol, mona': a heteronormatividade no exercício da profissão do jornalista gay. São Paulo, **7º SBPJor**, 2017. Disponível em: <<http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/jpjor/JPJor2017/paper/view/922>>. Acesso em: 7 de julho de 2021.

SILVA, Bruna C. de S. L. e. OLIVEIRA, João F. Z. C. de. **Ideologia heteronormativa: uma crítica à luz da teoria queer**. 4º seminário sobre educação e sexualidade e 2º encontro internacional sobre estudos de gênero, fundamentalismos e violências. [S.l.] 2016.

RESENDE, Fernanda Garcia; PAULA, Alessandro Vinícius de. Influência da cultura organizacional na (re)construção da identidade dos trabalhadores: um estudo de caso em uma empresa de tratamento de resíduos no sul de Minas Gerais. **Popsic**, vol.13 no.3. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000300010> Acesso: 16/08/2021.

SILVA, Dayane Marques da. Diversidade na mídia: a imagem do gay estereotipado. Varginha, **Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS**, 2018. Disponível em:

<<http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/1010/1/TCC%20-%20Dayana%20Marques%20da%20Silva%20-%20Aprovado%20Terezinha%20-%202005-12.pdf>> Acesso em: 14/07/2021

SANTOS, Raissa Nascimento dos. **Jornalismo do Século XX: Profissão, Identidade, Papel Social, Desafios Contemporâneos**. João Pessoa, Intercom, 2014. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0360-1.pdf>>. Acesso em: 23/06/2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística - Uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.